ILUSTRAÇÃO

N.º 237 — 10.º ano

NOVEMBRO-1935

O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

À VENDA

a 2.ª edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reune tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez, a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres e ouro, **Esc. 30$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 33$00**

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM UNICO VOLUME, manuseável, de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos

■

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 3o - Lisboa
Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Nevralgias

Ás dôres nevralgicas com o tempo não ha organismo que resista, por mais forte que seja.

Insidiosas a principio, se o paciente se descuida tem depois que contar . . . Mas a moderna sciencia oferece-nos uma excelente defeza: dois comprimidos de Cafiaspirina e a dôr desaparece, regressa o bem-estar com a mesma rapidez.

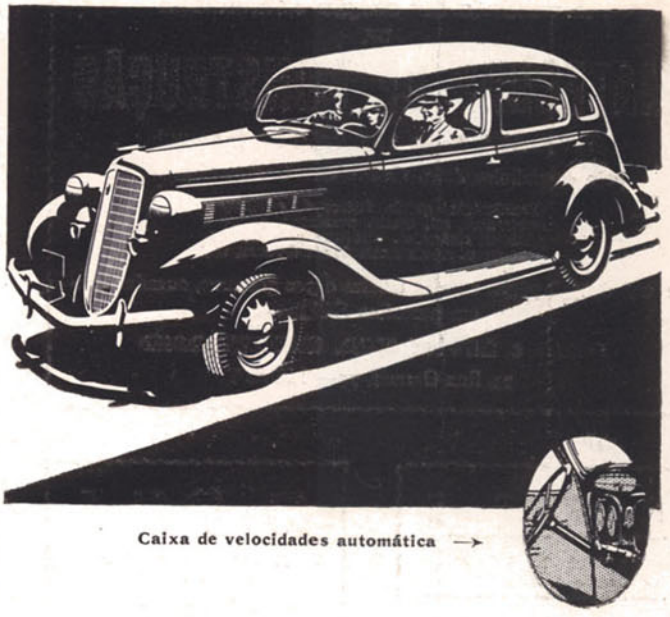
BAYER

Cafiaspirina

O PRODUTO DE CONFIANÇA

REO

É O AUTOMÓVEL QUE DÁ A V. EX.ª A NOTA DE ELEGANCIA E BOM GOSTO QUE COMPLETA A DISTINÇÃO DA SUA PERSONALIDADE



Caixa de velocidades automática →

Comunique V. Ex.ª a sua encomenda a

GARRIDO & FILHO, L.DA

Avenida da Liberdade, 169 — Telef. 4 1945

LISBOA

A VENDA

A 5.ª edição, de novo revista

10.º MILHAR

SENHORA DO AMPARO

POR

ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa
e da Academia Brasileira de Letras

DOIS PERFIS:

— Um curandeiro de obsessos.
— Um cura de almas.

1 volume de 250 págs. broch. . . . . 12$00
encad. . . . . 17$00

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

CÓMICOS (Novela) — 276 págs., brochado ..... 10$00
DOIDA DE AMOR (Novela) — 276 págs, brochado..... 10$00
D. PEDRO E D. INES (Romance) — 322 págs., brochado... 12$00
D. SEBASTIÃO — 464 págs., brochado ..... 14$00
ESPANHA — Nova edição..... no prelo
JORNADAS EM PORTUGAL — 404 págs., brochado..... 12$00
LEONOR TELES (Romance) — 395 págs., brochado..... 12$00
O PADRE SENA FREITAS (Conferência) — 64 págs., broch. 3$00
RECORDAÇÕES E VIAGENS — 328 págs., brochado..... 12$00
SENHORA DO AMPARO — 250 págs., brochado..... 12$00
TOLEDO (Impressões e evocações) — *Indice:* Viagens — A caminho — Chegada — "Plazas y plazuelas; calles e callejones„ A Alcáçova da Saüdade — As "Sabatinas„ na catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade lusitana — "El greco„ — En "San Juan de los Reys„ — Conventos — A Ponte de S. Martinho — O palácio de Fuensalida — Treva! — Certo púlpito! — Último dia, última noite — Volta — 226 págs, brochado..... 10$00
O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS — 375 págs., brochado..... 12$00
A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER — (Conferência) Esgotado.
MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO — (Discurso) Esgotado.
MIRADOURO, Tipos e Casos — 320 págs., brochado..... 12$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 5.ª edição actualisada
DE
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
DA **Biblioteca de Instrução Profissional**
pelo engenheiro **João Emílio dos Santos Segurado**

Considerações gerais. Pedras de construção, aviamentos, cal, areias, pozolanas, gêssos e produtos cerâmicos, madeiras para construções, ferro, metais e substâncias diversas, etc.

1 vol. de 558 págs., com 45 tabelas e 300 gravuras, encadernado em percalina **30$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA O 5.º MILHAR
JÚLIO DANTAS
AS INIMIGAS DO HOMEM

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS — Pan e as mulheres — As inimigas do homem — Terceiro sexo — Jus sufragii — A mulher diplomata — As ideias de Madame Agata — A mulher soldado — Delegadas a Géhenbra — As calças de Eva — O eleitorado das avós — A mulher jornalista — O problema do amor — Núpcias em avião — Os pais-amas — O exemplo da China — Gentlemen prefere blondes — As revolucionarias do golf — Jurisconsultos de saias — Eva standardizada — As sinistradas da beleza — É preciso ser bela para ser feliz? Mademoiselle Zuca — A idade dos joelhos — Nudistas : : — A dama do pijama verde — As amigas do homem : :

1 volume de 312 páginas, brochado **12$00** — encadernado **17$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de **Dr.ª Sára Benoliel** e **Dr. Edmundo Adler**, com um prefácio do **Dr. L. Castro Freire** e com a colaboração do **Dr. Heitor da Fonseca.**

Um formosissimo volume ilustrado
6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol de 326 págs., ilustrado, encad., **17$00**; broc., **12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND,** *73, R. Garrett, 75* - LISBOA

As edições da LIVRARIA BERTRAND, encontram-se à venda na Minerva Central — Rua Consiglieri Pedroso Caixa postal 212 LOURENÇO MARQUES

COLECÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena raínha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino

SELMA LAGERLÖF

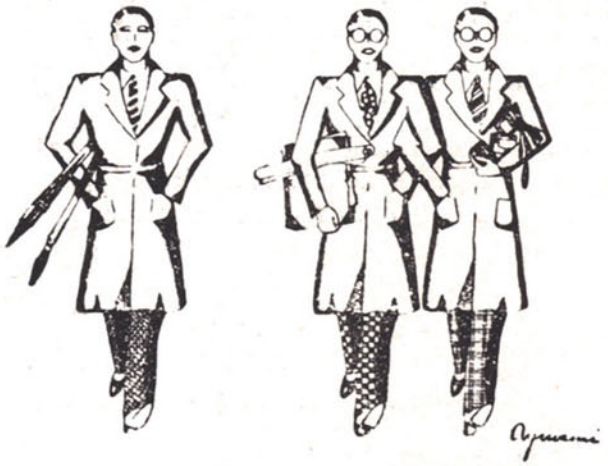
Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado . . . **Esc. 8$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES IMPRESSORES



TELEFONE 2 1308

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Minerva Central

LIVRARIA, PAPELARIA e OFICINAS GRÁFICAS

A mais antiga e importante da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as principais casas editoras de ESPANHA, FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA, ALEMANHA e AMÉRICAS

Casa editora do **CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"** e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS

Fachada dos Estabelecimentos da **Minerva Central** em Lourenço Marques na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório dos melhores fabricantes europeus e americanos

TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO E FABRICO DE CARIMBOS DE BORRACHA

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212 **End. Teleg. MINERVA**

LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

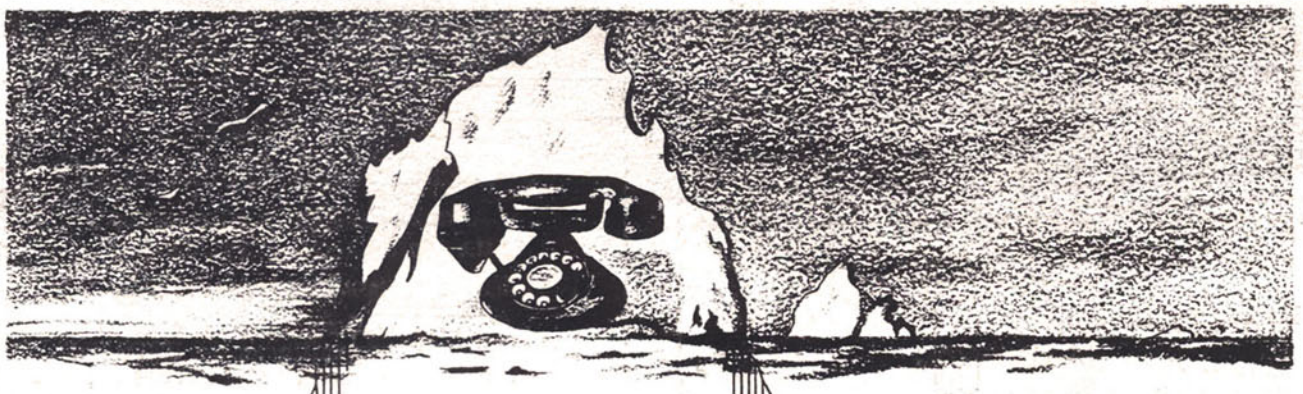
Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

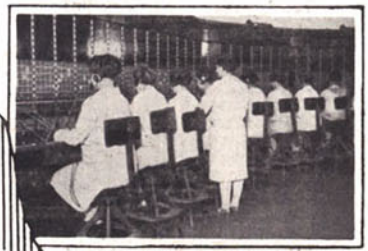
Telefone 2 2074



Os telefones e os "icebergs"

Com os serviços telefonicos sucede o mesmo que com os "ICEBERGS". A parte que não se vê, é muito superior á parte visivel.

Edificios próprios para Estações Centraes



Centenas de empregadas telefonistas e de tôdas as categorias

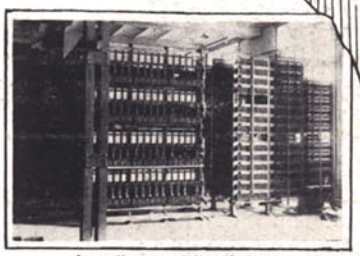
O pequeno aparelho que V. Ex.ª possue em cima da meza de trabalho, ou em sua casa, está em contacto com uma vastissima réde que compreende: milhares de kilometros de cabos subterraneos, milhões de kilometros de postes, milhões de isoladores, centenas de empregados e empregadas trabalham dia e noite para o vosso serviço; grandes edificios proprios encerram milhares de contos de reis em aparelhagem delicada e sensivel, que vai sendo sempre aperfeiçoada Nada disto se vê ... e contudo existe. Medite-se um pouco e chegar-se-ha a conclusão que

Caixas e cabos subterrâneos com milhares de quilómetros

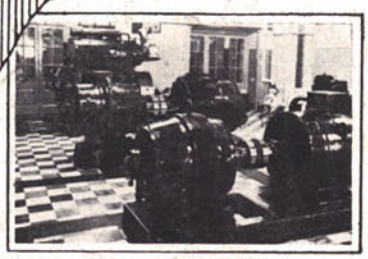
Milhares de postes por tôda a parte

O TELEFONE É DE GRAÇA

pelos serviços que presta !!



Aparelhagem delicadissima avaliada em milhares de libras



Motôres, Dinâmos, Transformadores, etc.

DIRIGIR-SE PARA INFORMAÇÕES Á

THE ANGLO PORTUGUESE TELEPHONE, Co. LTD.

RUA NOVA DA TRINDADE, 43 — **LISBOA**
Telefone automático 94

RUA DA PICARIA, 5 — **PORTO**
Telefone n.º 1

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

N.º 237 — 10.º ANO
1 - NOVEMBRO - 1935

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

DIA DE FINADOS

DOIS de Novembro. Dia de Finados! Após o azougado Carnaval de muitos meses, surge esta pequenina Quaresma de poucas horas. Chegou o momento de olharmos para o Passado e contemplar os trágicos destroços da vaidade humana.

Seja o Cemitério o nosso templo. A terra das sepulturas a todos cobre igualmente, absorvendo as putrefacções esverdiadas que não respeitam a epiderme delicada dos altos senhores ou filhos de reis, nem o dôrso calejado do infeliz que levou tôda a vida a mourejar para garantir um pão tão duro que só as lágrimas poderiam amaciar.

A triste vaidade dos homens! Vale lá roubar, matar, conquistar fortuna e poderio!

Uma só coisa se impõe, imutavel e firme, grandiosa e imponente — a majestade da Morte.

Chegou, pois, o momento de a festejar.

O culto pelos mortos é tão antigo como o Mundo. Se o cronista do Genesis tivesse pormenorisado o primeiro luto que pairou sôbre a Terra, isto é, quando Adão e Eva verteram as primeiras lagrimas sôbre o cadaver de Abel, trucidado pelo irmão, não deixaria de citar as constantes visitas dessa mãe dolorosa à sepultura tôsca que encobriria os restos mortais do filho estremecido.

A Ciência pode negar a fábula do Paraíso Terreal onde os nossos primeiros pais amaram e sofreram, mas não encontrará nunca uma razão que se ajuste com mais lógica à deploravel origem da nossa existência.

O poeta persa Omar Khayyam que, no século XI, conseguira ser o maior sábio do seu tempo, abandonou o seu famoso laboratório de Merv, e limitou-se a cantar nas quadras imortais do seu «Rubbayiat» o seu profundo desalento ante o enigma dilacerante do «Ser ou Não Ser».

E então pensou no que teria sido a vida amorosa dos primeiros habitantes do Mundo, e na sua tremenda influência sôbre os seus desgraçados descendentes.

Diz êle:

Adão e Eva, eu calculo,
na tristeza em que me vejo,
que amargo deve ter sido
o vosso primeiro beijo!

Filhos dum amor maldito,
nós herdamos, sem perdão,
a carícia empeçonhada
do beijo da maldição!

Desde que desceu sôbre a Terra o primeiro luto a contrair na mais lancinante das dores o primeiro coração materno, quantas vezes teria ido essa pobre mulher junto da campa rasa do filho assassinado?

Mas se o episódio bíblico não bastar para vincar o culto pelos mortos, poderemos encontrar entre a poeira doirada das Mitologias símbolos não menos eloqüentes que orientaram civilizações passadas e ainda hoje inspiram os maiores artistas. Níobe, chorando os seus doze filhos assassinados, mereceu de tal modo a compaixão dos deuses que foi transformada em rochedo para que não pungisse mais.

O mesmo sucedeu à ninfa Eco que ficou repetindo pela Eternidade fóra as últimas palavras amorosas do seu adorado Narciso.

A própria Afrodita rendeu culto ao seu morto querido, o formoso Adonis dilacerado por um javali. Sôbre a campa, a deusa semeou anémonas em cujo viço fazia reviver o desventurado mancebo.

E a rainha Artemisa que fez erigir à memória do seu amado marido, o rei Mausolo da Cária, um tão majestoso túmulo como não houvera outro igual em tôda a Terra?

A imensa dôr da viuva ficou perpètuada nêsse monumento magnífico que foi considerado uma das sete maravilhas do Mundo. Desde então, todos os sepulcros de maior relêvo passaram a ter a designação de mausoleus.

Tudo isto nos prova que o culto pelos mortos é tão antigo como o Mundo.

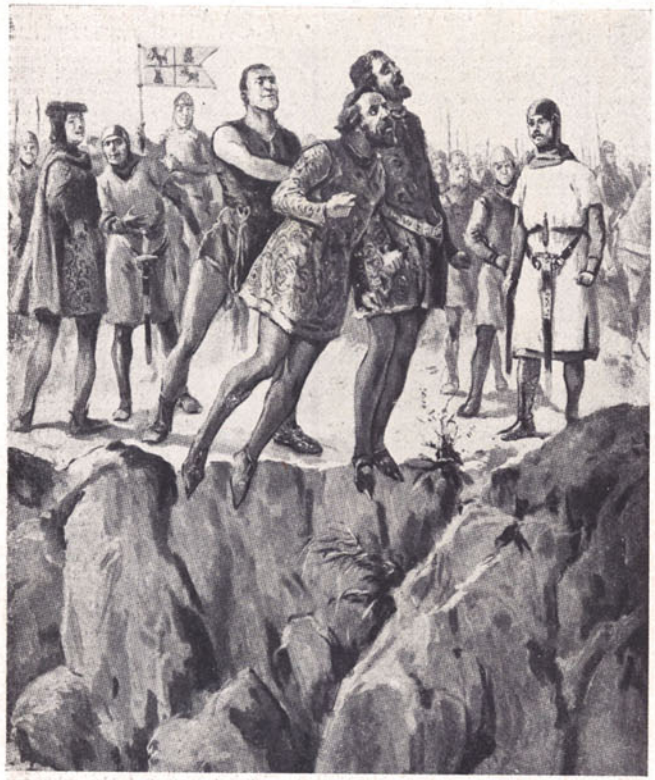
Embora a saudade dos entes queridos nos acompanhe continuamente, é sempre nêste tristissimo dia 2 de Novembro que todos nós, segundo um velho uso, a exteriorisamos com maior franqueza.

E' êste o Dia de Finados. Se as almas dos que morrem podem observar-nos ainda lá das paragens ignotas onde subiram, hão-de alegrar-se com a sentida homenagem que lhes prestamos.

Se, pelo contrário, os entes que tanto amamos desceram completamente à sepultura a transformar-se, pura e simplesmente, na terra donde vieram, fica-nos o dôce bem do os recordarmos com a grata ilusão de os termos mais perto de nós.

E prosseguiremos a nossa jornada, aguardando que chegue a nossa vez.

O primeiro luto sôbre a Terra



A execução dos irmãos Carvajal

NUMA das minhas digressões a Espanha, fui forçado por uma impertinente avaria no automóvel que me conduzia, a fazer uma paragem em Martos, terra mais árida e mais triste do que a alma dum condenado à morte. Como o consêrto do veículo se afigurava moroso — pelo menos, o "chauffeur" assim o diagnosticara ante a fractura cerce dum semi-eixo, ou coisa parecida — muita sorte teriamos se fôsse possível encontrar peça sobrecelente na cidade de Sevilha distante dali muitos quilómetros.

Obrigado a uma permanência talvez mais perigosa do que o desastre, porque êste deixara-me as costelas inteiras, ao passo que a visão desoladora da vila de Martos acabaria por matar-me de aborrecimento, tentei reagir e fui deambulando pelas proximidades. Pouco depois, estava relacionado com o sr. Ramon Jiménez, honrado boticário do sítio, velho como um Matusalem, supersticioso como um cigano e falador como um algarvio.

Foi êle quem me poz ao facto da arripiante história desta vila sinistra, do alto de cujo monte curvado sôbre um abismo era uso atirar os desgraçados à pena última.

— Ainda hoje, pode crêr — afirmava o sr. Jiménez com a maior convicção — vagueiam por aqui almas penadas.

— Como nos tempos de Recaredo? — remoquei com uma gargalhada — devem ser então muito velhinhas as pobres almas.

— Não ria, senhor. Só quem vive nestes sítios malditos é que pode fazer ideia das coisas extraordinárias que surgem a cada momento, impulsionadas por um poder formidavel e invisivel. O senhor, pelo que vejo, não acredita nestas coisas? Pois faz mal. Quem sabe se, um dia, me dará razão.

— Que ideia! — objectei ainda, tentando sorrir — que a gente rude acredite nessas histórias, vá que não vá... Mas o sr., um homem inteligente e culto como parece, não sei mesmo o que lhe diga. Chego a desconfiar — perdoi-me a franqueza — de que está a divertir-se à minha custa.

Fernando IV — o "Emprazado"

Um facto histórico que causa arrepios

— Acha?! — murmurou o sr. Jiménez com indulgência — pois então fixe êste facto que posso documentar devidamente, e diga-me depois, se fôr capaz, que estou a fazer graça. Poderia citar-lhe centenas de exemplos, mas êste bastará para o deixar a pensar algumas horas. Está disposto a ouvir-me?

— Com a maior curiosidade — respondi um pouco abalado pela convicção serena com que êsse bom homem me falava.

— Então lá vai — começou êle — e procurarei ser o mais breve possível — Nos princípios do século XIV, tendo subido ao trono de Castela o jovem rei Fernando IV, começaram a surgir revoltas por parte dos pretendentes à corôa. Para distrair os seus turbulentos vassalos, abriu guerra contra os moiros, e, de avanço em avanço, tomou a praça de Gibraltar que é hoje inglesa, como sabe. Depois, sempre sedento de conquistas, enviou para o interior de Africa cêrca de mil e quinhentos muçulmanos, para mais facilmente se desembaraçar desta raça da qual sempre desconfiara.

Conta-se até que um velho muçulmano teve coragem para dizer ao rei: "Senhor, que te fiz eu para que me expulses daqui? O teu bisavô obrigou-me a sair de Sevilha. Fui abrigar-me em Jerez, donde teu avô me escorraçou também. Refugiei-me em Tarifa, e veiu teu pai a pôr-me dali para fóra. Vim para aqui e, quando me julgava seguro, envias-me tu para a Africa... Que mal te fiz eu, senhor?

O soberano, em vez de mostrar um gesto de clemência como lhe competia em seu próprio interesse, mandou arrancar os olhos ao pobre velho, após o que o obrigou a caminhar à beira de precipícios, onde, a breve trecho, desapareceu como se calcula.

— Maldito sejas! — rugiu o velho ao ouvir a bárbara sentença — o teu fim há de ser bem mais desgraçado do que o meu.

Cínico como todos os tiranos, Fernando IV não deu a menor atenção à praga do moiro. Pouco depois, decidiu-se a pôr cêrco a Algeciras que viria aumentar o seu império. Apesar das muitas contrariedades que teve de sofrer, conseguiu que o rei de Granada, tomado de terror, lhe suplicasse a paz, lhe cedesse algumas fortalezas fronteiriças, e, como se não bastasse, se reconhecesse seu vassalo.

Fernando IV impava de glória. Se alguém lhe tivesse lembrado, nessa altura, a maldição do muçulmano, êle não teria rebuço em acreditar que, longe de lhe fazer mal, pelo contrário até lhe dava sorte.

Quando tudo parecia correr ás mil maravilhas, os moiros de Granada, indignados contra o seu rei, que uns acusavam de traidor e outros apenas de fraco, forçaram-no a abdicar em seu irmão El-Nogar que logo levantou em armas toda a mourisma. A roda da fortuna começava a desandar. Fernando IV, completamente desorientado, começou a tomar precauções que redundavam sempre em verdadeiros desastres. Enquanto enviava o infante D. Pedro, seu irmão, a pôr cêrco a Alcaudete, percorria êle alguns dos principais pontos de Castela, até que decidiu permanecer alguns dias em Palência. Foi ali que se deu o assassínio do cavaleiro D. Juan de Benavides, crime que ficou sempre rodeado do mais denso mistério, apesar de ter sido cometido à porta do paço real.

O soberano, cada vez mais desorientado, veio aqui para Martos, visto não se sentir seguro em Palência. Como lhe segredassem que haviam sido os irmãos D. Pedro e D. Juan Carvajal, aqui residentes, os assassinos do Benavides, mandou prendê-los e condená-los. De nada serviam os protestos dos acusados que ofereciam as mais convincentes provas da sua inocência. O tirano foi inflexível. Ao cabo dum simulacro de julgamento em que os réus nada puderam alegar em sua defesa, foi ditada a sentença condenatória. Os irmãos Carvajal seriam arrojados do alto daquele rochedo que ali vê. Feroz como era, Fernando IV quiz assitir ao suplício que se efectuou no dia 8 de Novembro de 1312. Quando os condenados se aproximaram da beira do precipício, um deles voltou-se para o rei, e disse-lhe em tom solene:

"— Ficas intimado a comparecer comnôsco, no praso de trinta dias, perante o tribunal de Deus!"

Em seguida, o carrasco deu-lhes o empurrão fatal, e aquêles dois desgraçados fôram despedaçar-se no fundo pedregoso do abismo.

Efectuada a execução, o rei dirigiu-se para Alcaudete, onde o infante D. Pedro, apesar de ser o sitiador, se encontrava em grave risco. A roda da fortuna desandava cada vez mais. Apenas chegou ao acampamento, sentiu-se tão gravemente indispôsto que foi necessário transportá-lo para Jaén. Dizem os historiadores que o soberano chegou a restabelecer-se de tal modo que, indo seu irmão D. Pedro notificar-lhe a rendição de Alcaudete e a propôr-lhe a guerra que se tornava indispensável empreender contra o vali de Málaga, mostrou-se bem disposto, comeu com apetite, retirando-se em seguida a descansar. No dia seguinte, assinaria a declaração de guerra ao soberbo vali que não queria reconhecer a sua soberania incondestável.

De manhã, quando o fôram despertar, encontraram-no morto no leito. Passava-se isto em 7 de Dezembro de 1312, isto é, trinta dias decorridos sobre a execução dos irmãos Carvajal.

Que diz a isto, senhor? Ainda ri desse terrível poder oculto que opera as mais prodigiosas coisas ante o nosso fraco entendimento? Este facto é citado pelos mais conscienciosos historiadores que passaram a chamar a êste soberano sanguinário — Fernando IV, *o Emprazado*.

E' possível que recôrra ao subterfúgio das coïncidências em que todos os cépticos se entrincheiram como em último reduto... Faça o que entender... Deixo isso à sua consciência.

Quando saí de Martos, decidido a não voltar a pôr os pés nessa terra fatídica, não deixei de dar razão ao boticário supersticioso. Francamente, êste caso deixou-me a pensar algumas horas, conforme a sua predição.

Silvio Teles.

A morte de Fernando IV

UM DIÁRIO DE CRISTOVÃO COLOMBO

Nos arquivos da cidade de Kargo, na Rússia, acaba de aparecer um diário pessoal de Cristóvão Colombo, que é encimado por êstes dizeres: *Escrito pela minha mão. Para o meu filho Diego. — 3 de Agosto de 1492.*

Segundo o correspondente do jornal *Le Matin* em Londres, êste precioso documento encontra-se amarelecido e deteriorado, em parte, pela acção do tempo. Não diz em que língua está escrito, nem qual das suas assinaturas o grande navegador adotou. Será o conhecido *Crispoferens* encimado pelas sete iniciais misteriosas, ou o singelo *Cristofforo Colombo* que tantas vezes usou como filho de Génova? Será simplesmente o pseudónimo de *Cristobal Colón* adotado para melhor agradar à nação espanhola que aceitára os seus serviços?

Eis o que ficaremos sabendo, logo que o precioso documento se divulgue.

No entanto, podemos dizer já que êsse diário, agora aparecido nos arquivos de Kargo, tem uma história curiosa que bem merece ser relatada.

No dia 3 de Agosto de 1492 — isto é, a data que encima o documento — Cristóvão Colombo largou do porto de Palos de Moguer com três caravelas, tomando o rumo das Canárias. Dali partiu para a sua aventura no dia 8 de Setembro. Trinta e três dias depois deparou com a ilha de Guanahani, a que chamou de S. Salvador. No entanto, nem tudo corria de feição. Durante êste pequeno trajecto, a população, atemorisada com tão insólita e arriscada viagem, não cessou de murmurar, não faltando mesmo quem alvitrasse: «O melhor é lançar ao mar êste aventureiro que nada tem que perder, e facilmente nos justificaremos de que foi levado por uma vaga numa ocasião em que contemplava os astros».

Surgindo um grande furacão, os oficiais, receosos, quiseram voltar as prôas à procura duma enseada onde pudessem abrigar os navios. Colombo opoz-se com tal energia que se fez obedecer.

«— É mistér seguir o nosso destino — rugiu êle rubro de cólera — pois só no outro mundo, senhores, é que podereis achar abrigo!»

Finalmente, logo que os seus companheiros desembarcaram na ilha de Guanahani, reconheceram os méritos do seu comandante, e cheios de assombro e admiração, saudaram-no com os títulos de almirante e vice-rei. Pouco antes, não teriam hesitado em atirá-lo ao mar como um aventureiro louco que procurava deitar a perder toda a tripulação. Os indígenas, assustados com a presença dos visitantes, refugiaram-se nas montanhas, ficando apenas uma mulher que o próprio Colombo conseguira agarrar, e à qual mandou dar pão, dôces e algumas quinquilharias. Este bom tratamento atraíu os selvagens a quem os castelhanos deram panelas de barro quebradas, bocados de vidro e de loiça com o que êles ficavam muito contentes.

Dali se passou Colombo à ilha de Cuba, e, seguidamente, à de Haiti, onde foi bem recebido pelo rei da região a quem davam o pomposo título de «cacique».

Colombo rejubilava. Conseguira o seu fim, provando que o seu plano não se alicerçava em miragens de visionário, mas em frias realidades. Encantado com o acolhimento que o «cacique» do Haiti lhe dispensava, decidiu voltar a Espanha a dar parte do seu feito, deixando ali, como garantia, trinta e oito homens da sua tripulação colocados numa espécie de forte de madeira que expressamente mandara construir. Como amostra dêsse povo esquisito que descobrira, levou consigo doze indígenas que causariam assombro nas terras de Espanha.

Colombo estava ansioso por mostrar aos reis católicos o bom desempenho da arriscada missão que lhe tinham confiado. Regressava, portanto, a Espanha, antegosando já os seus triunfos. Nisto, foi acometido por uma tão furiosa tempestade que todos julgaram ser o fim da vida.

É aqui que começa a história do precioso diário agora encontrado.

O erudito Inácio de Vilhena Barbosa, referindo-se ao furibundo temporal que ia tragando o descobridor do Novo Mundo no seu regresso do Haiti a Espanha, diz no tomo 3.º do seu «Universo Pitoresco»:

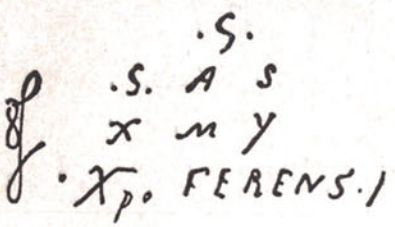
«Cristovão Colombo não concebe mais que um pensamento, não sente mais que um pesar, o de vêr o fruto de suas descobertas quási perder-se para a humanidade. Um ráio de esperança então o anima; corre à sua câmara, escreve ràpidamente, ao som da tempestade e dos clamores da equipagem, em um pergaminho o jornal da sua navegação; envolve-o em um pano encerado, depois em um pão de cera, e arremessa tudo ao mar, dentro dum tonel, esperando que o céu conservasse êste tão precioso depósito para o levar a salvo a mãos que o soubessem apreciar».

Andou o manuscrito metido no tonel, ao sabor das ondas, até que alguém o recolheu. Quem e quando? Eis o que os arquivos da cidade de Kargo talvez possam dizer.

- O fim da história é simples e sobejamente conhecida.

Abrandando a tormenta, o ousado nauta conseguiu chegar a Espanha na primavera de 1493, sendo recebido entre as mais entusiásticas aclamações. O precioso manuscrito já não era preciso.

Colombo com assinatura italiana



O insigne descobridor e a sua firma enigmática

O II Salão dos Artistas Caldenses

PROMOVIDO por um grupo de artistas das Caldas da Raínha realizou-se naquela cidade o II Salão dos Artistas Caldenses, que esteve instalada numa sala do Recreio Club.

Caldas da Raínha tem uma tradição artística brilhante que os organizadores do Salão se esforçam louvavelmente por continuar. Ali nasceu José Malhôa, que recebeu do ambiente de fortes características rústicas que envolve e domina a região, a feliz inspiração da sua obra, onde avultam as figuras de camponeses de tão intenso pitoresco que o artista consagrou em composições cheias de beleza.

Ali viveu também durante muitos anos, êsse extraordinário artista que foi Rafael Bordalo Pinheiro, genial renovador da cerâmica local, que deu a essa arte um invulgar cunho artístico e a levou a um notável grau de desenvolvimento comercial.

Ali vivem ainda hoje os discípulos do mestre Bordalo, modestos artístas sob cujas mãos o barro adquire vida e subtilezas inesperadas, à frente dos quais cumpre mencionar mestre Francisco Elias, companheiro de trabalho de Bordalo durante perto de quinze anos e seu discípulo dilecto. Este e Eduardo Elias, António Vitorino e Acelino Carvalho são quem mantem hoje brilhantemente a tradição cerâmica artística caldense.

A' direita: «*Tipo de Lisboa*» por *Carlos Neves*. Por baixo: «*Estudo*» por *João Fragoso*

«*A poetisa Florbela Espanca*», pelo escultor *Antonio Duarte*

Os expositores—Da esquerda para a direita: *João Fragoso, José de Oliveira, João Martins, Rafael Fernandes, Mafra Neves, Leonel Cardoso, C. Neves.* — Ao centro: *A. Duarte*

Num meio tão rico de tradições, o II Salão constituiu uma realização condigna que serviu à exibição de trabalhos de novos já bem conhecidos em Lisboa e no país pelos seus méritos — António Duarte, um escultor de indiscutível merecimento; João Cardoso, um temperamento que de dia para dia acentua a sua forte personalidade; Carlos Neves, pintor enamorado da païsagem estremenha; Leonel Cardoso, que afirma as suas faculdades artísticas em múltiplas manifestações de excelente efeito; José de Oliveira, uma admirável revelação com os seus belos trabalhos de marcenaria artística, João Martins, Mafra Neves e Rafael Fernandes.

O II Salão dos Artistas Caldenses constituiu portanto um notável acontecimento.

O actor Rossi. (Desenho de Rafael Bordalo Pinheiro)

POEIRA DO PASSADO

O relójio de D. Luís

Uma extraordinária coincidência que impressionou o actor Rossi

Às 9 horas e 35 minutos do dia 19 de Outubro de 1889, o rei D. Luís I exalou o derradeiro suspiro no seio da rainha sua espôsa que nunca lhe abandonara a cabeceira.

Fôra lenta a sua agonia nesse quarto frio e lôbrego da cidadela de Cascais, onde o corpo do soberano se ia desfazendo aos poucos, apodrecido pela gangrêna.

O país, agitado com as graves questões coloniais que os partidos políticos faziam explodir em mútuos insultos e recriminações, entrava numa fase de desvairo. Quem tinha dado margem a que os estrangeiros, cubiçosos do nosso império ultramarino, andassem rebelando os pretos contra o domínio português muitas vezes secular?

Os panfletários faziam silvar a sua pêna como se esgrimissem a pita dum chicote.

Guerra Junqueiro abria a sua famosa poesia "O caçador Simão" com esta quadra:

Jaz el-rei entrèvado e moribundo
Na fortaleza lôbrega e silente...
Corta a mudez sinistra o mar profundo...
Chora a rainha desgrenhadamente...

Gomes Leal, antecipando-se, tinha gritado aos quatro cantos da nação:

Ah! pode haver um rei tão pícaro e pandilha
que venda o seu país, e mãe que venda a filha!...

D. Luís, a desfazer-se em pús, agonizava na alcôva sombria da fortaleza debruçada sôbre o mar. No decorrer dessas horas pesadas como chumbo, o soberano em putrefacção não evocaria o bom ou mau govêrno dos vinte e oito anos do seu reinado. Herdara o trono, mau grado seu, do pobre mano D. Pedro, e fôra essa a maior contrariedade da sua vida. Grande felicidade teria sido a sua se o houvessem deixado na apagada situação de infante, todo entregue às traduções de Shakespeare ou aos longos passeios por êsses mares fora, como o mais humilde dos marinheiros. Se não tivesse surgido êsse contratempo, iria mais além — a sua vaidade lho segredava — que o glorioso trágico inglês.

Quantas vezes teria D. Luís lido a crítica aduladora e louvaminheira do grande Camilo Castelo Branco que, após ter dito da Sereníssima casa de Bragança o que Mafoma não disse do toucinho, curvava o dôrso servilmente à espera dum título de visconde?

O "Otelo" — no dizer do autor de "O Regicida" — "foi a tragédia que el-rei o sr. D. Luís passou a vernáculo ultimamente, precedendo-o das intenções que regeram o seu trabalho de tradutor fiel".

D. Luís I

E, depois de colocar o régio tradutor muito acima de Guisot, Le Bas, Rusconi, François Hugo e José António de Freitas que o precederam, elevava-o no confronto que estabeleceu com alguns dos mais letrados monarcas das dinastias anteriores, como D. Denís, D. João I, D. Duarte, e rematava com êste elogio que bem poderia merecer uma corôa de marquês:

"O sr. D. Luís I não se dá ao estudo apenas como um agradável feriado de outras ocupações consentâneas à realeza: tem feito da leitura e da escrita mais uma tarefa que um suave diletantismo. El-rei, do mesmo passo que adscreve uma grandeza sua, própria, a outras que o nascimento lhe deu, encarece o valor dos que lidam na despremiada faina das letras, cooperando e encontrando-se com êles na mesma aspiração. E' uma honra de que hão de desvanecer-se aquêles mesmos que não derem de si um alto testemunho de que a presam".

D. Luís, nas suas horas de moroso apodrecimento, havia de recordar tôdas estas coisas, sem se aperceber de que o gigante de S. Miguel de Seide, já cego e caduco, se agachara diante dêle para que o rei mais facilmente lhe enfiasse na cabeça o apetecido emblema do viscondado!

Era aquele o ponto fraco do soberano...

Ninguem melhor do que êle soubera traduzir as obras imortais de Shakespeare. Por isso, ao sentir esvaír-se-lhe a vida, não podia deixar de suspirar como o cantor do incêndio de Roma, ao despedir-se da sua majestade: "Que grande artista vai perder o Mundo!"

Recordava-se também da vinda do actor Ernesto Rossi que José Carlos Santos contratára para mostrar ao público lisboeta uma das mais altas celebridades artísticas do seu tempo. O rei não deixou passar esta oportunidade de patentear, como verdadeiro entendido, a sua admiração pelo insigne intérprete do "Hamlet". Convidou-o várias vezes para jantar, e, numa bela tarde, ofereceu-lhe um magnífico relójio de repetição que ostentava na caixa de ouro fino o monograma real engastado em brilhantes.

D. Luís, ao recordar-se de tudo isto, sentia pena de ter de abandonar assim a sua vida literária quando visionava ainda, no horisonte da sua vaidade, os mais espaventosos triunfos. Da realeza, francamente, não levava saudades. Quantas vezes o Fontes saíra arreliado do Paço, pois, tendo ido tratar de assuntos transcendentes da governação que mereciam uma solução rápida e profícua, o soberano lhe ocupara o tempo com a leitura dum acto novo de Shakespeare, acabado de traduzir!

Entretanto, ia apodrecendo lentamente, junto da esposa que sempre se conservou à sua cabeceira.

Ah! se êle tivesse podido lêr os versos formidáveis do autor da "Pátria" que rugiam numa indignação juvenalêsca, grande teria sido a sua desilusão!

É o velho Portugal, doido, que vocifera:

O reino é pôdre... o rei é pôdre...
Oh! que fedôr! oh! que fedôr!
Quando a planta apodrece, a podridão
Germina em margaridas pelo chão...
Quando apodrece a carne, a sepultura
Touca-se de verdura...
Lepra e pús, chagas e cancros
Dão jasmineiros, dão lírios brancos...
Mas do reino e do rei apodrecido,
Oh! que fedôr! oh! que fedôr!... que tem nascido?
Mais podridões a fermentar,
Envenenando a terra, envenenando o ar.
A gente morreu tôda envenenada...
É côr de sangue a lua, é de crepe a alvorada!...
Desfolharam-se os bosques pelos montes,
Há nas rochas gangrêna, há peçonha nas fontes!
Destruíram-se os ninhos
E emigraram, chorando, os passarinhos!
Vivo, só eu fiquei nêste monturo
De lôdo escuro!
O reino é pôdre... o rei é pôdre... tudo é pôdre...
Oh! que fedôr! oh! que fedôr!

Pobre rei! como tinha sido mal compreendida a sua verdadeira vocação!

A propósito dêste tristissimo episódio, o famoso actor Rossi contava que, desde a sua visita a Lisboa, nem um só dia deixara de usar o magnífico relójio com que o rei D. Luís o tinha presenteado. Sentia-se orgulhoso em ostentá-lo, pois, a seu vêr, valia mais do que toda sas condecorações, — e tinha maior utilidade.

Durante vinte anos regulou sempre perfeitamente, e sem o menor transtôrno. Um perfeito cronómetro.

Rossi, o rei dos Hamlets. (Desenho de Rafael Bordalo Pinheiro)

Pois, no dia 19 de Outubro de 1889, às 9 horas e 35 minutos, o relójio parou subitamente como se lhe tivessem partido a corda. A princípio, atribuiu o facto à razão que dá fim a tôdas as coisas...

Pouco depois, saíndo de casa, Rossi teve conhecimento da morte de D. Luís ocorrida precisamente na hora em que o relójio parara!

Uma tão extraordinária coincidência impressionou-o a tal ponto que não mais mandou consertar o relójio. Encerrou-o numa campánula de cristal com uma relação manuscrita do misterioso acontecimento e ali o conservou durante os sete anos que ainda viveu.

O ilustre actor, à força de interpretar o papel do sombrio príncipe da Dinamarca com todas as suas superstições e visões terrificantes, acabara por acreditar num poder formidavel e invisivel que se dignara preveni-lo do falecimento dum amigo querido, por tão extraordinária maneira.

Rossi não quis mandar consertar o relójio que uma força oculta fizera parar, porque, a seu vêr, isso seria tentar emendar a mão imutavel do Destino, e cometer, assim, a maior das heresias.

Achava naturalíssimo que o pai do príncipe dinamarquês se erguesse da sepultura a reclamar vingança, e citava dezenas de exemplos que ouvira contar durante as suas longas digressões de saltimbanco por êsse mundo de Cristo.

Todos os que tiveram a ventura de vêr êste artista no palco afirmam que a cêna da esplanada de Elsenor era simplesmente arripiante. Rossi incarnava de tal maneira o sombrio heroi shakespeariano que o seu tremor, ante o fantasma do velho rei assassinado, era absolutamente autêntico, contagiando do seu terror tôda a plateia.

Calcula-se, portanto, a profunda impressão que a misteriosa paragem do relójio lhe deveria ter causado.

Gomes Monteiro.

FIGURAS DA ACTUALIDADE

HERMANN GÖRING

o criador da nova aviação militar alemã

Hermann Göring, ministro do Ar alemão

Entre as personalidades mais em evidência no III Reich, Göring ocupa um lugar de segundo plano, logo atrás de Hitler de quem é o braço direito.

Hermann Wilhelm Göring nasceu em Rosenheim, na Baviera, mas pertence à orgulhosa aristocracia prussiana. Duma compleição atlética, largo de ombros, farta cabeleira loura e olhos azues duros e obstinados, é dotado dum espírito violento e autoritário que se tem manifestado numerosas vezes no decurso da sua existência. Conta hoje 42 anos de idade, enérgicos e decididos. Espectaculoso e arrogante, faz tudo por acentuar o seu aspecto guerreiro.

Desde muito novo, Göring manifestou um admirável desprêzo pelo perigo. Era um cultôr apaixonado dos desportos de montanha e mais duma vez as suas proezas inquietaram a família O *ski* custou-lhe mesmo um grave desastre em que perdeu três dedos da mão direita.

A Grande Guerra surgiu num momento propício à revelação do seu espírito combativo e violento. Logo como oficial de ligação de cavalaria se distinguiu. Enviado certo dia com uma patrulha em reconhecimento desobedeceu às ordens recebidas e tomou uma aldeia francesa. Mas o papel secundário que a cavalaria desempenhava nesta guerra de trincheiras não lhe agradava. As proezas da aviação exaltavam no e pediu a sua transferência para essa arma.

No aeródromo de instrução teve de esperar a sua vez para receber um aparelho destinado aos seus vôos de experiência. Mas Göring é dos homens que não sabem esperar. O seu carácter impulsivo despreza a paciência. Achou por isso mais simples deitar mão do aparelho destinado a um camarada. Foi então preso, mas conseguiu fugir, chegou à frente da batalha e ingressou na célebre esquadrilha comandada por Von Richthoffen.

Em breve se classificou como um dos aviadores mais hábeis e corajosos. Tomou parte em grande número de combates aéreos, até que foi ferido e obrigado a aterrar por um aviador francês. Recebeu então a Cruz de Ferro que o próprio Kronprinz lhe colocou ao peito. Mais tarde o Kaiser concedeu-lhe também a ordem «Pelo Mérito», que é a mais elevada distinção militar alemã.

Após a assinatura do armistício, Göring foi escolhido para fazer entrega à França do materiial de aviação, conforme estipulado nas condições de paz aceites pela Alemanha. Sem atender às ordens recebidas e com a cumplicidade dos outros aviadores seus subordinados, conduziu a esquadrilha para outro ponto da Alemanha e recusou-se a entregá-la à França.

Veio a desmobilização e Göring aceitou o contrato duma companhia de aviação comercial da Suécia. Viveu algum tempo naquele país onde contraiu casamento com uma senhora da aristocracia.

Começou por se manifestar hostil a Hitler, a quem classificou de «fanático» e «tagarela». Mas parece que a famosa sedução pessoal do «Führer» se exerceu poderosamente sôbre êle, pois após tê-lo escutado num comício nacional-socialista, filiou-se naquele Partido.

Um homem da envergadura de Göring tinha forçosamente de ocupar a breve trecho uma situação de destaque dentro da nova agremiação política. Tanto mais que é um dos melhores oradores do novo regime. Tal como Hitler, a sua palavra ardente electriza as multidões. A única diferença é que o «Führer» impressiona as massas com efeitos bem calculados e sem perder o domínio de si próprio, ao passo que Göring se deixa arrastar pela oratória, tomando por vezes o aspecto dum alucinado.

Göring com sua mulher, a actriz Emmy Sonnemann

Diz-se que a tentativa de golpe de Estado dos nazis em Munich, em 1923 foi premeditada por êle. Verdade ou não, o certo é que tomou parte activa no movimento. Ficou ferido, mas com o auxílio de alguns amigos conseguiu refugiar-se na Austria, depois duma aventurosa viagem pelas montanhas.

Em 1932 morreu-lhe a espôsa. Foi um golpe doloroso para êste homem violento. Mas em compensação, a sua carreira política atingia o auge. O advento do nazismo ao poder ia dar-lhe tôdas as satisfações que a sua imensa vaidade podia pretender: Presidente do Reichstag e do Conselho do Estado prussiano, ministro do Ar, comissário do Reich das Aguas, Florestas e Caças, etc.

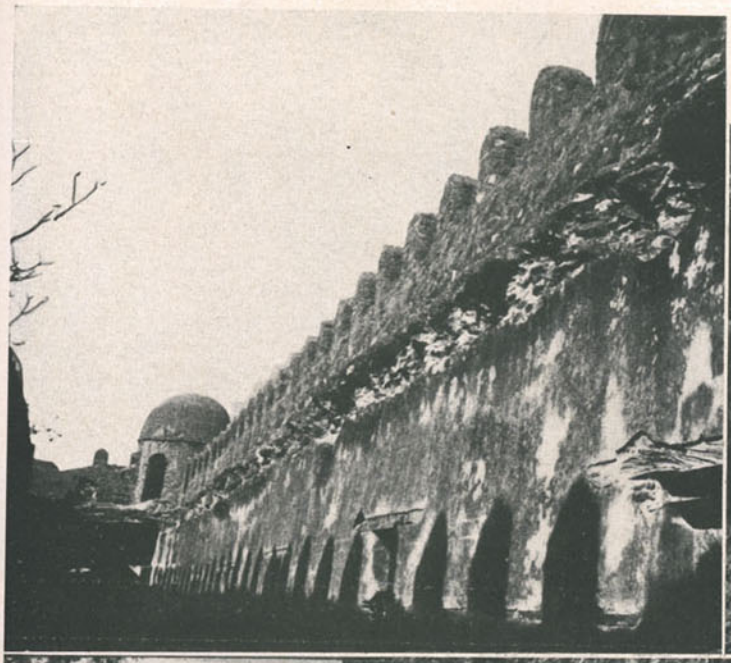
O seu casamento no dia 9 de Abril dêste ano com a actriz Emmy Sonnemann foi mais um grande episódio nesta existência espectaculosa. Um banquete de cem talheres no Kayserhof, presidido pelo próprio Hitler, coroou a cerimónia. E mil milicianos nazis empunhando archotes acompanharam depois os noivos até à sua residência.

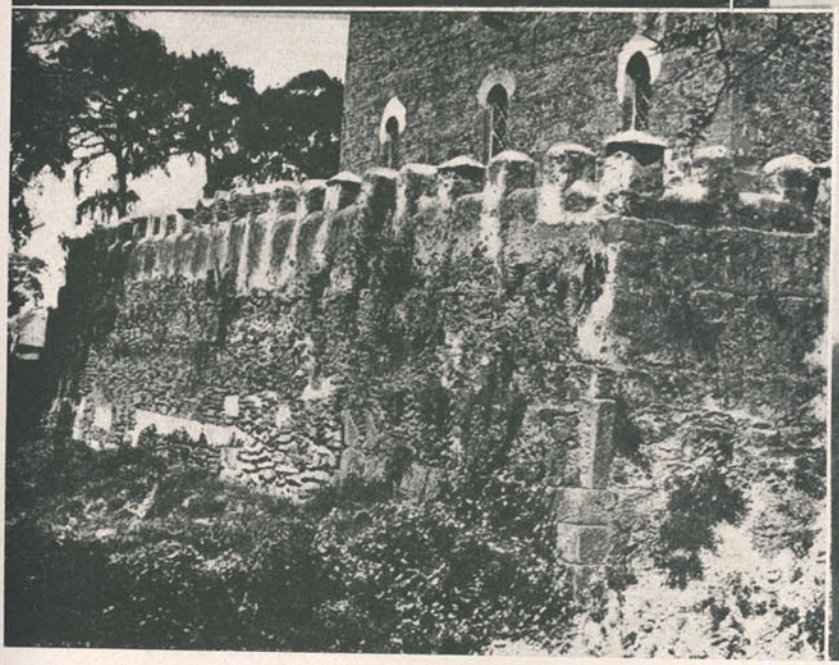
Esta paixão de ostentação tem dado origem a uma série de anecdotas que circulam na Alemanha. Assim, conta-se que durante uma visita a uma fábrica de artigos eléctricos o general desapareceu. Foi encontrado mais tarde agarrado a um poderoso imam que o tinha atraído por causa do grande número de medalhas que lhe cobrem o peito.

A propósito do seu trajo aparatoso conta-se ainda que Hitler, certa noite em que assistia a um espectaculo de opera adormeceu no seu camarote. Ao acordar olhou para o palco e ao ver o Lohengrin tomou-o, ainda estremunhado de sono, pelo seu famoso ministro. E não pôde reprimir um movimento de impaciencia, ao mesmo tempo que dizia: «Hermann, deixa-te dessas fantochadas».

Tal é o homem a quem Hitler confiou o encargo de forjar a mais terrível arma do III Reich — a aviação militar.

Grandiosos vestígios da passagem dos portugueses pela Abissínia





Se a Abissínia, além das suas gloriosas tradições que datam das eras felizes da rainha de Sabá, pode orgulhar-se de alguns monumentos grandiosos, ungidos pelo orvalho de muitos séculos, êsses monumentos são portugueses.

As gravuras que acima reproduzimos mostram nitidamente as vetustas muralhas de Gondar que os portugueses ali ergueram e ainda hoje desafiam com a solidez dos seus alicerces, não só a fúria destruïdora do tempo, mas a má vontade de todos os que fingem não reconhecer o prestígio dêste heroico Portugal tão pequenino que cabe num cantinho da Europa, e tão grande que se expandiu através do Mundo inteiro em rajadas de audácia e temeridade.

Quando os invasores da moderna Etiópia possam chegar junto dêstes monumentos venerandos, parem e dobrem o joelho com o mais religioso dos respeitos. Há muitos séculos, houve portugueses que, a-pesar-da dificiência dos seus armamentos e meios de transporte, estiveram ali como dominadores incontestados. Tôdas essas fortalezas por êles edificadas são o mais glorioso monumento erguido à sua prodigiosa façanha.

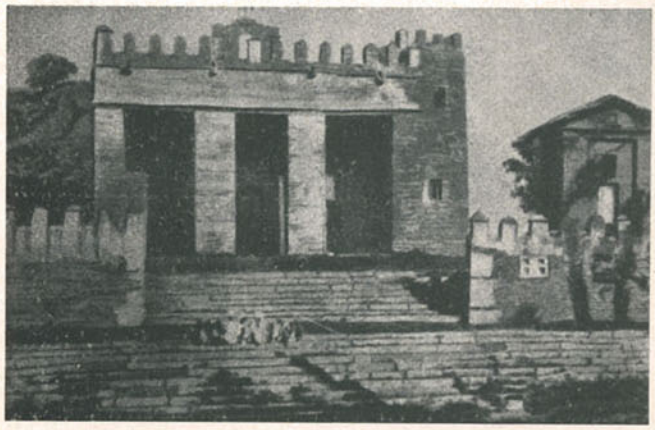
Continuam de pé essas fortalezas inexpugnaveis, erguidas pelos primeiros portugueses que penetraram nessas paragens adustas, e aos quais o então senhor da Etiopia, Prestes João, pedia ensinamentos e auxílio. Quando todos os grandes países da Europa olhavam estarrecidos para as prodigiosas proezas dos nossos navegadores, quando a travessia dos Mares constituia um perigo que só os portugueses sabiam enfrentar e vencer, a Abissínia recebia os primeiros alentos civilizadores dos seus visitantes portugueses!

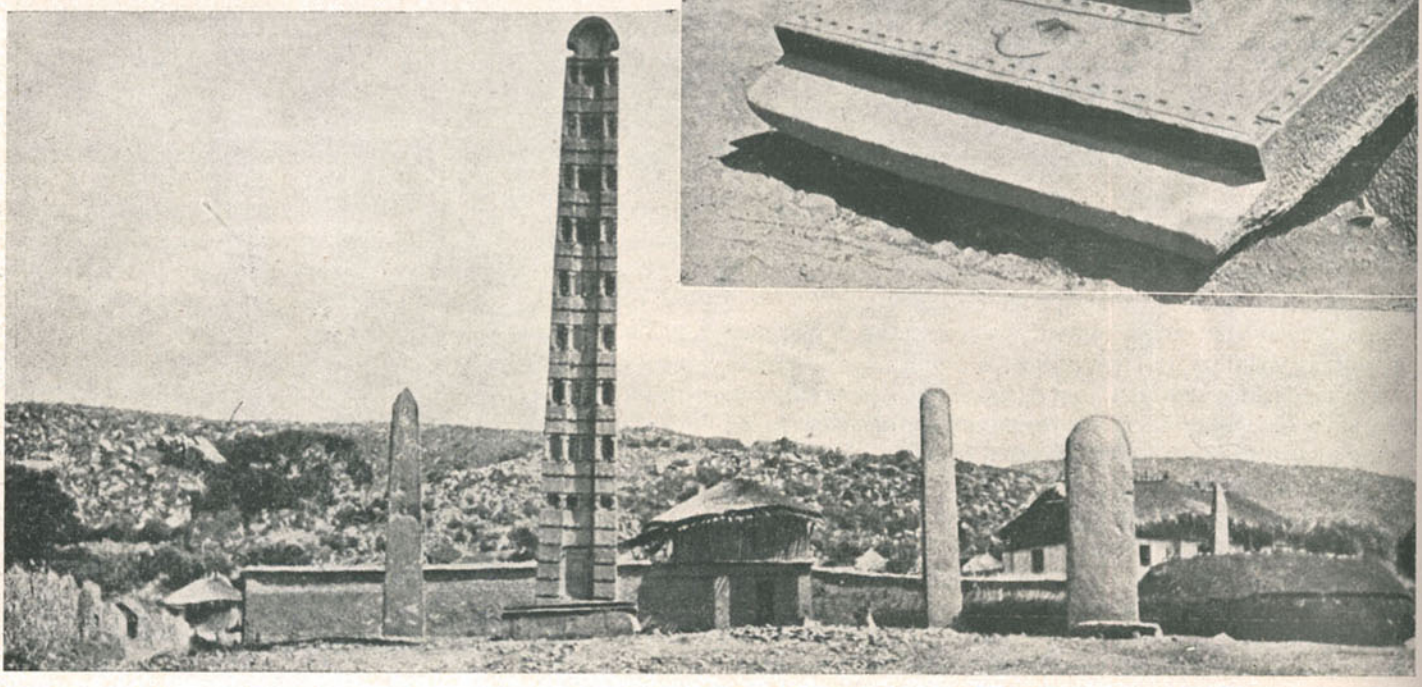
E, nêste momento angustioso que passa, quanto daria a Itália pela recepção duma carta tão afectuosa do Negus como aquela que Prestes João escrevera, há quatro séculos, ao soberano de Portugal?

Os chefes da invasão italiana na Etiópia

Em cima, os generais Ruggero Santini, Alessandro Pirzio Biroli e Pietro Maravigna, que comandam as três colunas que invadiram o Tigré. *A' direita,* o general Graziani, comandante das colunas invasoras do sul, celebrizado já em campanhas coloniais que lhe valeram a designação de «Flagelo da Tripolitania»

Monumentos da cidade santa de Axum





O cenário da guerra italo-etiope

Eis o magestoso cenário dessa espantosa carnificina que está sendo desenvolvida com ânsia igual por parte da Abissínia e da Itália. Montanhas altíssimas e rochosas, vetustos monumentos em homenagem a uma raça milenária que soube impôr-se às arremetidas do Leão de Judá, dão a impressão de verdadeiros ninhos de águia que, povoados de guerrilheiros terríveis, espalham a destruïção e a morte.

Além canta uma catarata na toada alegre das suas águas cristalinas. Será êste o suplício de Tântalo dos expedicionários que, após terem percorrido milhares de quilómetros sob um calor abrazante, mortos de sêde e de fadiga, cairão para sempre, lançando o último olhar ávido para a água jorrante que não podem recolher num derradeiro beijo! Linda paisagem para um turista! Horroroso cenário para um guerreiro!

Entretanto, os soldados do Negus, semi-selvagens como se pretende fazer crer, guardam no seu peito valente, marcado quantas vezes pelas garras das feras e por outras guerras com homens mais requintadamente ferozes que os tigres e as hienas, um sentimento sacratíssimo que os anima — o amor da sua Pátria.

Batem-se por ela, na firme disposição de derramar o seu sangue até à última gôta.

Já os seus pais foram assim, e assim hão-de ser os seus filhos e os seus netos.

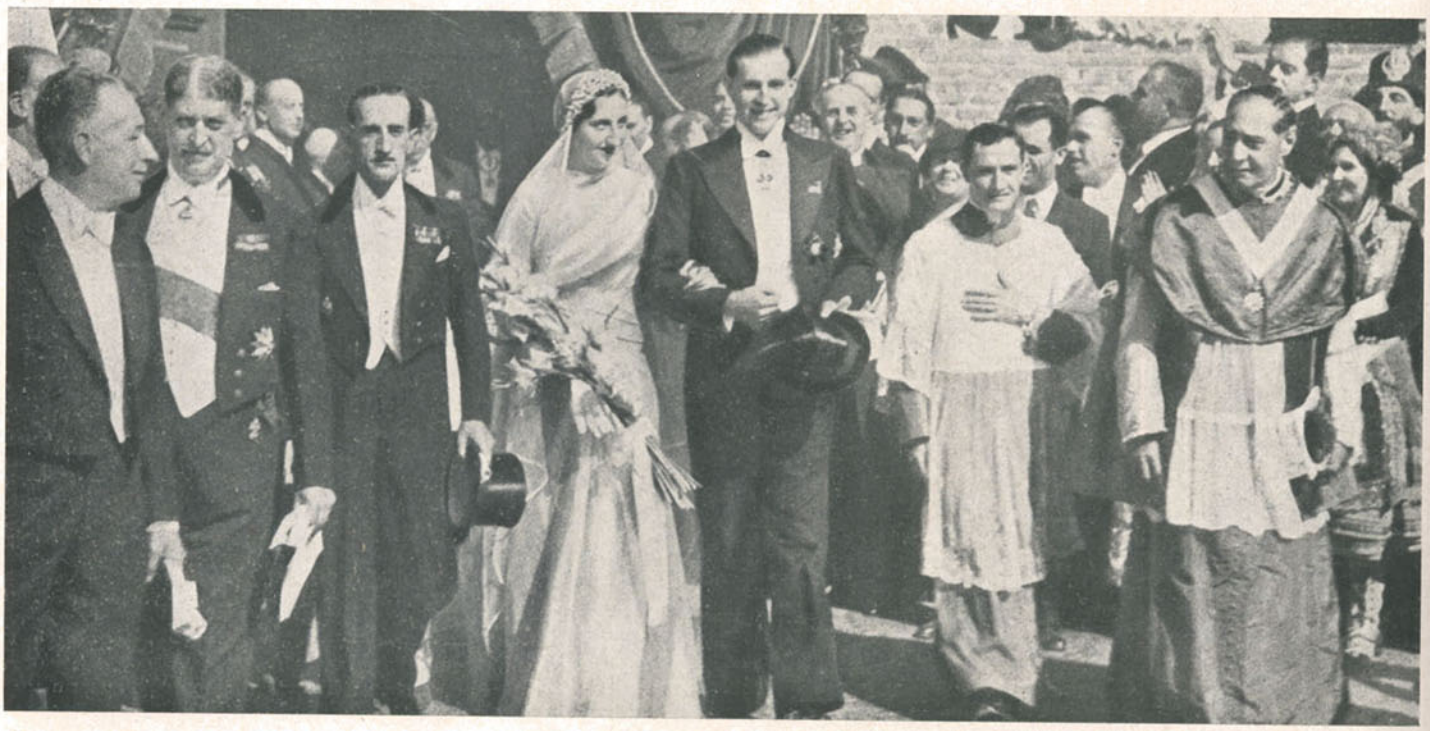
Por sua vez, os italianos, defendem-se como podem.

Duas tácticas militares que se defrontam

Da esquerda para a direita: *O «rás» Seyum, o general turco Vehib-Pachá ao serviço do Negus e o general De Bono.* Em baixo: *O «rás» Guxa que fez causa comum com os italianos, aguardando que o façam imperador da Etiópia*

QUANDO as hostes de Mussolini tentaram a arremetida no solo etíope contavam encontrar magotes de guerreiros selvagens, armados de azagaias que pouca ou nenhuma importância poderiam ter diante do material de guerra ultra-moderno de que a Itália abarrotara tôda a Somália e tôda a Eritreia. Verifica-se, no entanto, que os abexins sabem manejar armas modernas, possuem canhões anti-aérios e dispõem de alguns aviões de combate. Além disso, contam com a orientação de alguns hábeis generais europeus que cursaram a mesma táctica do general De Bono. O formidável «rás» Seyum, verdadeiro tigre abissínio, bate-se com heroísmo pela sua Pátria. A esta bravura temerária vem juntar-se a prudência do bravo general turco Vehib Pachá ao serviço do Negus. A luta, pelo que se vê, ainda não começou, pois os abexins tem-se limitado a apoquentar os invasores italianos com as suas guardas avançadas e os seus grupos de guerrilheiros. A hora da grande contra-ofensiva etíope avisinha-se. O que irá suceder-se?

Casamento do sucessor de Afonso XIII



O príncipe das Astúrias acaba de casar com a princesa Maria Mercedes de Bourbon-Caserta. A cerimónia efectuada em Roma, com todo o espavento, foi abrilhantada pela fina flôr monárquica espanhola. Neste matrimónio têm, neste momento, os olhos postos todos os realistas de Espanha, pois dêle depende a continuação da dinastia bourbónica.

A invasão dos italianos na Etiópia

Imagens dum notável documentário cinematográfico exibido em Lisboa

UMA METRALHADORA ETÍOPE EM ACÇÃO CONTRA O INVASOR

O AVANÇO DOS CARROS DE ASSALTO DAS FÔRÇAS ITALIANAS

«ASCARIS», MARCHANDO AO ASSALTO DUMA POSIÇÃO ABEXIM

A APARATOSA CARGA DA CAVALARIA ITALIANA SÔBRE ADUÁ

TROPAS ABEXINS ABRIGADAS NOS ACIDENTES DO TERRENO

ATIRADORES ETÍOPES ISOLADOS ALVEJANDO O INIMIGO

O incêndio do convento de Arouca

Há dias, um violento incêndio ameaçou destruir completamente o magnífico mosteiro de Arouca, hoje considerado monumento nacional.

Ignora-se a data exacta da sua fundação, sabendo-se apenas que antes do ano de 716, dominando os godos esta formosa vila, os dois fidalgos Vandílio e Loderigo, de Moldes, andaram ocupados na sua construção. O convento instalara uma congregação mixta, isto é, de frades e freiras da Ordem de S. Bento.

No entanto, os fundadores Vandílio e Loderigo conservaram sempre os direitos do padroado, conforme os usos determinavam.

Decorridos dois séculos, os então padroeiros, D. Ansur e sua mulher D. Éleva, senhores de Arouca, doaram o convento ao abade Hermenegildo, acrescentando a generosidade com a vila e as igrejas de Santo Estevão e S. Pedro.

Surgiu, então, a invasão dos árabes que arrasaram a vila e a puseram a saque. Entretanto, o convento lá se foi aguentando através de tôdas as vicissitudes. Vem a propósito dizer que a comunidade mixta não deu bom resultado pelo seu viver escandaloso, sendo os frades expulsos. Resam as crónicas que, após alguns anos de vida exemplar, as freiras valtaram a dar que falar com a sua desmoralisação.

Finalmente, em 1220, tendo sido anulado o casamento de D. Mafalda, filha de D. Sancho I, com Henrique I de Castela, esta princesa resolveu recolher-se e professar no convento de Arouca, cujo padroado lhe pertencia, bem como o dos mosteiros de Bouças e Tuias.

Desembaraçado dos irmãos, o rei Afonso II, logo que subiu ao trono, voltou-se contra as irmãs, cujos legados mais directamente feriam o seu indómito ciume da soberania régia. Efectivamente, D. Sancho deixara a sua filha D. Tereza, esposa divorciada de Afonso IX de Leão, o senhorio das vilas de Montemór e Esgueira; a sua filha D. Sancha, o senhorio de Alenquer; e a D. Mafalda, os padroados acima referidos. Invocando costumes visigóticos obliterados, ou torcendo, para servir os seus interesses, a bula papal, Afonso II declarou que seu pai não tinha o direito de fazer os legados que fizera. As irmãs, contudo, resistiam à prepotência. D. Mafalda, menos belicosa do que as outras, esquivou-se à lucta, doando à Ordem dos Hospitalários os mosteiros, cujo padroado herdara, e reservando para si apenas o usufruto. E enquanto D. Tereza e D. Sancho invocavam o auxílio dos cavaleiros já descontentes com o rei avaro, e prontos a quebrar lanças pelas suas damas, a Ordem dos Hospitalários, representante dos interesses de D. Mafalda, em virtude da doação, apelava para o papa que avocou a si o negócio. Afonso II aceitou o juiz e enviou um agente para advogar a sua causa, embora se fosse apoderando das propriedades em litígio, como medida de precaução.

Teria rebentado uma tremenda guerra civil, se não surgisse o desafio que os muçulmanos atiravam ao rei Afonso VIII de Castela. Este, pedindo auxílio aos príncipes cristãos da península, encontrou no rei de Portugal o valioso aliado da estrondosa vitória de Novas de Tolosa.

Entretanto, D. Mafalda continuava a dominar no seu convento de Arouca, dando-lhe rendas opulentas, e encarregando-se ela própria da sua administração até o seu derradeiro alento.

Sendo tão velhinha, que já tinha completado 70 anos de vida monástica, nem por isso deixou de ir a Rio Tinto, como costumava fazer todos os anos, cobrar as rendas e os foros do mosteiro. Montada numa mulinha branca seguia pormontes e vales com a mesma energia dos seus tempos de rapariga.

No dia 1.º de Maio de 1220, encontrando-se em Rio Tinto, no desempenho da sua missão, foi acometida dum mal estar que a vitimou em poucas horas. Os de Rio Tinto, que tinham grande veneração pela bondosa princesa, quiseram que o seu corpo ficasse ali sepultado, pois ali falecera Por sua vez, os de Arouca, alegando que a princesa lhes pertencia, pretendiam que fosse trasladada para o seu mosteiro.

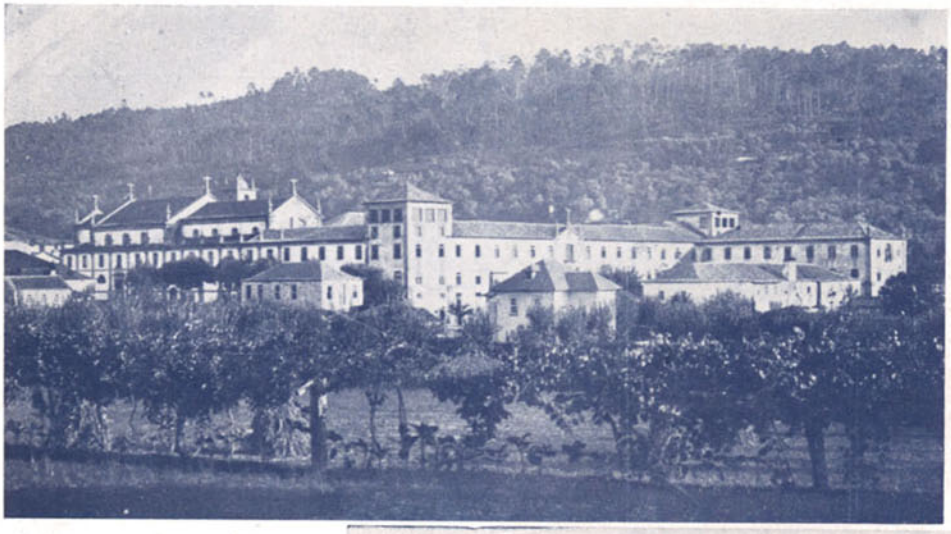
Para decidir o pleito foi colocado o corpo de D. Mafalda sôbre a mulinha que a trouxera, e, onde o animal a conduzisse, é que ficaria. Compreende-se que os de Rio Tinto foram vítimas da sua boa-fé. A mula, habituada a fazer aquele trajecto, estava bem de ver que iria parar a Arouca. Foi o que sucedeu. E, assim, a princesa D. Mafalda ficou sepultada no seu querido mosteiro, em cujo seio frio e sossegado ocultara as suas máguas e as suas desilusões durante quási um século.

Foi êste convento que esteve, há dias para ser destruido pelo fogo. Do seu passado, resta apenas a mais gloriosa tradição, pois que a última freira que o habitou, a abadessa D. Maria José Gouveia Tovar e Menezes, faleceu em 3 de Julho de 1886.

O venerando edifício que resistira aos terriveis ataques dos árabes, e à violência do terremoto de 1755 que lhe abrira brechas enormes no arco central, esteve agora para capitular ante a pavorosa arremetida das chamas.

Apesar dos socorros imediatos, prestados com a maior dedicação e até com heroísmo, uma das alas do convento foi devorada pelo incêndio, sendo os prejuizos calculados em 300 contos.

O enorme clarão e os gritos aflitivos dos inquilinos do convento alarmaram os habitantes da vila que, por todos os pontos, acorriam ao local do sinistro. Como a vila não possuia nenhuma corporação de bombeiros, o funcionário da estação telégrafo-postal solicitou os socorros das associações dos bombeiros do distrito e do Porto. Entretanto, os populares denodadamente e com espírito de abnegação digno do maior elogio, procuraram por todos os meios evitar que as chamas comunicassem a todo o majestoso edifício. E enquanto, uns, munidos com baldes, iam em procura de água, outros, mais animosos, procuraram impedir a marcha do fogo, cortando á machadada o travejamento do telhado. De aí a pouco chegavam ao local os bombeiros voluntários de S. João da Madeira, Aveiro, Oliveira de Azemeis, Vila da Feira, Voluntários do Porto, Estarreja, Arrifana e Espinhenses que rapidamente montaram um audacioso serviço de ataque. A estes heroicos domadores de chamas se deve não ter desaparecido completamente o histórico mosteiro de Arouca.



Em cima e à direita, dois aspectos do historico convento de Arouca

MENSAGEIROS DA MORTE

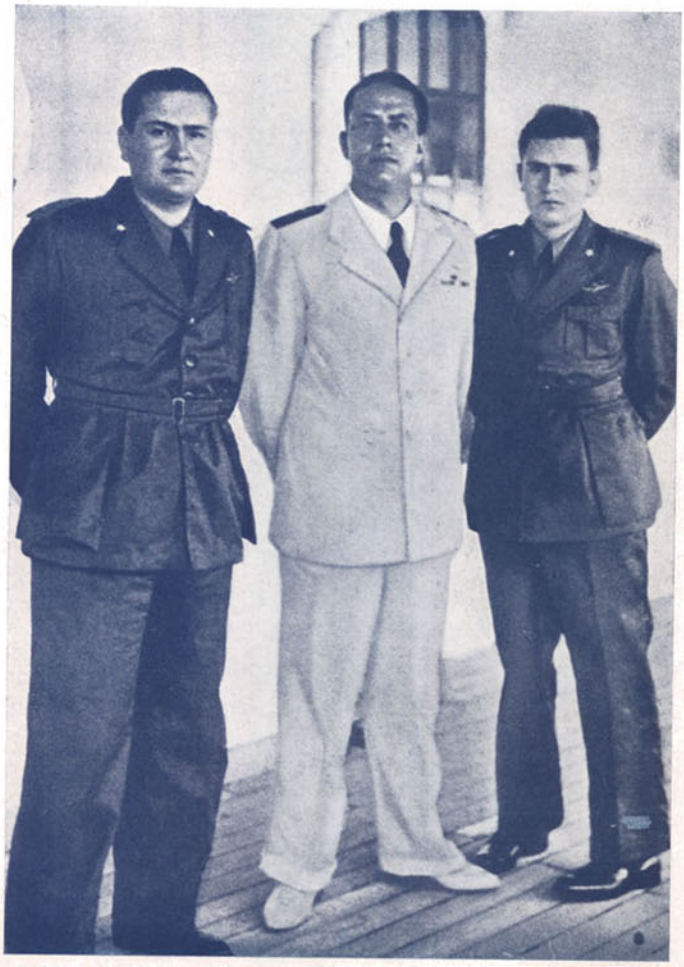
Os bombardeamentos aéreos italianos

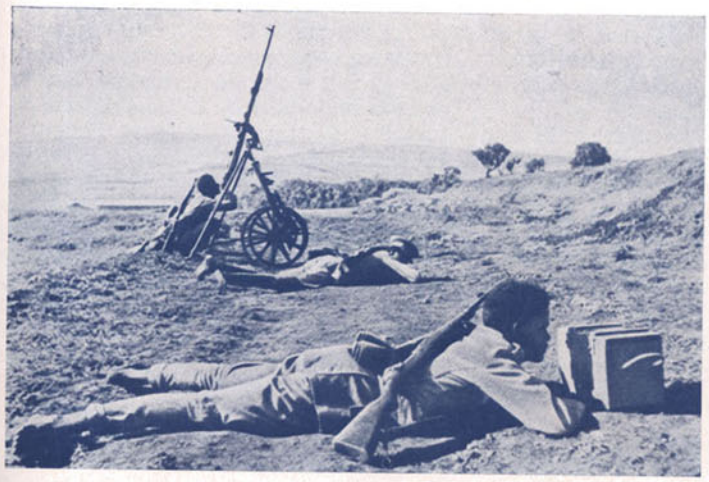
contra as tropas e as populações abexins

PARA o êxito da sua campanha militar que tem por objectivo a conquista da Etiópia, os italianos contam em primeiro lugar com a sua poderosa aviação de bombardeamento. Segundo os técnicos militares que sôbre a questão se têm pronunciado nos últimos tempos, essa arma é mesmo de importancia decisiva numa guerra dêste género. Primeiro porque esmaga a resistência abexim, e segundo, porque evita as surpresas dum terreno muito acidentado que os etíopes conhecem palmo a palmo.

E' cedo ainda para dizer se a aviação dará a vitória aos italianos. Mas o que se pode já afirmar é que sem ela a agressão contra a Abissínia estaria condenada ao malogro, a despeito das imponentes fôrças terrestres que Roma enviou ao assalto do milenário Império.

Há que notar também que as condições particulares desta guerra reduzem consideravelmente o poder de agressão da arma aérea. O emprego de grandes bombas não é possível, pois representaria um desperdício, num país onde não existem centros fabris nem grandes depósitos de munições. Contra as próprias concentrações de tropas etíopes, o resultado do seu emprego seria pouco eficaz. Os abexins estão instruidos no sentido de dispersarem ao sinal de alarme, e uma grande bomba pode causar prejuizos proporcionalmente infimos. Nestas condições, os italianos recorrem às bombas pequenas, de cinco quilos.





Em cima: *Os filhos de Mussolini, Vitorino e Bruno, tendo ao centro o conde de Ciano, genro do ditador italiano. Todos três fazem parte da aviação que opera no Norte da Etiopia.* A' esquerda: *Uma peça anti-aerea etiope.* Em baixo: *Um trimotor de bombardeamento italiano*

Mas apesar disso, o custo destes ataques aéreos ainda é muito elevado e é difícil dizer se os efeitos que causam estão em relação com a despesa que provocam.

E' nestas condições que a aviação militar italiana se desempenha da sua triste tarefa de bombardear cabanas e anunciar aos negros o alvorecer duma prometedora e inquietante civilização.

O Marquês de Pombal estudando a reedificação de Lisboa

LISBOA MARTIR

EM FACE DO TERRAMOTO DE 1 DE NOVEMBRO DE 1755

Porque não foram aceitos os socorros oferecidos pela França e pela Espanha?

NESSE memorável dia 1.º de Novembro de 1755, os templos da capital encontravam-se vistosamente iluminados em louvor de Todos os Santos. O povo lisboeta, mais por curiosidade do que por devoção, corria de igreja em igreja, a fim de dar fé das mais ricas iluminações, mal supondo que, dentro em pouco, esta linda cidade tão vaidosa da sua beleza seria um montão de ruínas fumegantes e cadáveres horrivelmente trucidados.

O primeiro abalo foi precedido por um ruído subterrâneo por tôda a cidade: a princípio debilmente, depois cada vez mais forte e com uma continuidade medonha. A terra gemia surdamente, e todos escutavam tranzidos de susto êsse desconhecido rumor. De repente, o solo abriu-se, as casas desapareceram, uma nuvem de pó ergueu-se ao céu, e um pavoroso concêrto de gritos e lamentos fez-se ouvir de todos os lados.

O Tejo revolto e medonho, crescendo e saindo do seu leito, parecia ameaçar engulir o que o fogo poupara. "Parecia que Deus quisera vingar num só dia os crimes de muitos séculos!» — escreveu uma testemunha da espantosa catástrofe.

Por tôda a parte se ouviam os gritos lancinantes dos desgraçados que se estorciam entre as ruínas. Os que não tinham ficado sepultados gritavam, impeliam-se e imploravam a misericórdia do céu, recitando orações que novos desabamentos cortavam, ou novas fendas sob os seus passos faziam calar, engulindo-os. Os que fugiam para a margem do rio, esperando encontrar ali abrigo, deparavam com um quadro tão medonho como aquele a que se esquivavam. Em conseqüência dos grandes abalos de terra, o Tejo estava terrível, a bramir numa agitação raivosa, e subindo sempre, sempre... Os navios, mesmo os de grande lotação, submergiam-se após uma luta desesperada, e os mais pequenos, não podendo resistir ao ímpeto das vagas alterosas que lhes despedaçavam as amarras, ou iam desaparecer, em vertiginoso rodopio, nos sorvedoiros, ou, arremessados uns contra os outros, estilhaçavam-se como cântaros de barro. Todos tiveram farto quinhão na desventura: os que tinham conseguido salvar a vida, haviam perdido tudo quanto lha fazia amar!

Começou a aparecer fogo em diferentes pontos da cidade, e com tal violência que, a breve trecho, a cidade dava a impressão dum enorme brazeiro.

Entre os magníficos edifícios destruídos destacavam-se a Patriarcal de D. João V, o Paço Real, a igreja de Santo António, os palácios dos tribunais, arsenal, ministérios, Casa da India, alfândega, vedoria, a Opera, e os palácios dos Lafões, Aveiro, Cadaval, Marialva, Távora, Fronteira, Valença e Louriçal, as bibliotecas real e a de Lafões, a do convento de S. Domingos e a do inquisidor Simão José.

Não se pode saber ao certo o número de mortos, embora fôsse calculado em mais de dez mil.

Segundo o relato de Mr. Castres, ministro inglês em Lisboa, "o primeiro abalo começou pelas dez horas menos um quarto da manhã».

E salienta:

"Tanto quanto pude julgar, durou seis ou sete minutos; depois sucedeu-se um intervalo de cêrca de cinco minutos antes do segundo, que durou uns três minutos pouco mais ou menos; de sorte que num quarto de hora foi esta grande cidade reduzida em ruinas. Em seguida, rebentaram muitos incêndios que, no espaço de cinco ou seis horas, consumiram todos os géneros e outras coisas. Parece que a força do terremoto teve a sua sede mesmo no centro de Lisboa, porque os prejuízos não são tão consideráveis para qualquer dos lados. Julga-se que partiu do cais que se estende da alfândega até o Paço, que desabou, e se sumiu completamente, submergindo-se também alguns barcos ao mesmo tempo. As águas subiram de vinte a trinta pés, e desceram outro tanto com intervalos, segundo me contaram».

Numa outra carta diz o referido diplomata para o seu govêrno que D. José tinha ido com toda a côrte habitar em barracas de lôna numa campina, e que a malfadada nação estivera em iminente perigo de ser presa da peste e da fome, e conclui louvando o zeloso procedimento de Pombal que, dia e de noite, se mostrava infatigável em empregar todos os remédios que a miséria geral pedia.

E continua o diplomata na sua narrativa:

"Como os abalos não cessaram inteiramente desde o primeiro dia da nossa desventura, a côrte e um pouco mais de dois terços da sua população continua ainda a acampar nos campos e quintas destas paragens. Os prédios que ainda se vêem de pé na cidade e na extensão de algumas léguas das suas vizinhanças, estão realmente, pela sua maior parte, num estado tão deplorável que será perigoso encontrar um entre cinqüenta que possa resistir ao inverno, ainda que sustentado por pequenos».

No dia 13 de Dezembro, escrevia:

"Já lá vão quarenta dias dêsde que sobreveio o grande terremoto, e, contudo, raro tem sido o dia em que se tenha passado sem se renovarem os nossos abalos, sendo os repetidos tremores quasi sempre acompanhados de tão fortes abalos de vez em quando, e com especialidade na noite passada, que nos obrigaram a fugir, quási nus, para o descampado, com grande perigo de vida, numa estação tão rigorosa como esta, não só os que haviam começado a habitar os aposentos inferiores dos edifícios que ainda se achavam de pé, mas até aquela gente que se abrigára em barracas. Entretanto, o sr. Carvalho, que parece possuir a confiança absoluta do rei seu amo, não descansa um instante em dar todas as providências para que nesta cidade de ruinas não faltem os mantimentos; para obrigar todas as classes de operários que afluiram das terras mais remotas do reino, a voltar às diferentes ocupações, e para pôr côbro aos muitos roubos, que inevitavelmente sucedem em épocas de tamanha desórdem como esta, principalmente em lugar tão exposto como êste».

«Cuidar dos vivos e enterrar os mortos!»

A desgraça que ferira Portugal inspirou o mais vivo e caritativo interesse de tôda a Europa, e todos os governos nos mandaram oferecer os seus bons auxílios. De Inglaterra mandou Jorge II géneros e dinheiro no valor de 97.200 libras.

Os reis de Espanha e da França ofereceram socorros de tôda a espécie que o marquês de Pombal dispensou.

Quando Luiz XV ouviu dizer que se aceitou o socôrro de Inglaterra, encarregou o embaixador de saber a verdade. Numa carta atenciosíssima, o diplomata dirigiu-se ao marquês de Pombal nestes termos:

Ce n'est pas le dépit qui me fait demander s'il est vrai que S. M. Très-Fidèle ait accepté les offres de S. M. Britannique mais l'esperance que conserve S. M. Très-Chrètienne que ses offres pouvront également être acceptées.

Pombal respondeu:

"O rei meu amo teria aceitado reconhecido os oferecimentos generosos dos seus aliados, se tivesse sido necessário. As perdas que Portugal acaba de experimentar são grandes, mas em geral só atacam o luxo. De futuro não existirão em Lisboa tantos palacios, tantos quadros, nem tantos móveis ricos, e êsse será o meio de fazer voltar a nação à sua antiga simplicidade. As terras serão agora mais bem agricultadas pelos fidalgos; Deus será adorado com mais fervor nos seus templos despojados das pompas, a riqueza pública aumentará, e as finanças hão de melhorar a situação».

Porque não aceitou Pombal a generosidade francesa? Porque a França tinha em vista alcançar em troca dos seus benefícios a cessão do comércio do Brasil que receava vêr em poder da Inglaterra. Com a Espanha, além doutras, as razões eram idênticas.

Lisboa em 1650

E assim formoso e sem pompa,
Tu deste fama a Extremoz.
. . . . . .

O ALENTEJO DESCONHECIDO

Barros de Extremoz — lindissimos bonecos

Vai renascendo esta indústria encantadora

DESTA maneira escreveu António Sardinha no formoso e famoso elogio do púcaro, quadras repassadas dum lírismo pictural, frescas como o barro que cantava, sàdias e louçãs como só o seu espírito e o seu pensamento criador o sabia fazer. E agora mesmo, passado algum tempo, podemos aplicar estes dois versos, aos bonequinhos oriundos do mesmo barro donde são os púcaros bojudos, de asas simetricamente apoiadas nas barrigas incrustadas de pedrarias brancas, em desenhos que são maravilhas do gôsto popular.

Os bonecos de Extremoz! Humanidade singular através da alma do povo suão; estilisações das chitas claras e dos ramiados das cadeiras eborenses; alma das almas trigueiras, onde os mercados e feiras silenciosas e enormes das claras vilas de Além-Tejo estão retratadas à sua imagem e semelhança.

Já alguem os comparou com êsses outros de Barcelos. Mas não será preciso reflectir muito, para, comparando-os, poder tirar conclusões, não só da sua diferença, mas da sua oposição. Enquanto que os de Barcelos, tem nas suas fórmas e principalmente nas suas côres, a opulência reflectida dos esverdiados viçosos, dos doirados, dos amarelos, dos vermelhos, dos negros, dos azuis, tudo em exuberância e em diversidade se manifesta, como sendo a reflexão da garridez dessas cantigas alegres e vivazes, dessas saias e corpetes das raparigas que só sabem cantar, desses bordados afiligranados, das romarias buliçosas onde o verdasco é também um grande padroeiro sem altar e sem andor, dessa vegetação cobrindo serras e vales nas terras de Entre-Douro e Minho, os bonecos do Sul criaram talvez uma linha mais monótona, mais interior, mais artística e estéticamente elevadas e uma côr, onde as claridades das gentes e das coisas, tem muito da sua razão de ser.

Nos modelos a fazer, o assunto escolhido nota-se a mesma oposição. Um galo a cantar, uma galinha com ninhada de pintos atrás, uma banda de música onde os instrumentos agudos e barulhentos tem o principal papel, os cochichos, as ocarinas, três meninas juntas, etc., etc., são os motivos mais queridos e reproduzidos pelos bonequeiros de Barcelos.

Nos bonecos de Extremoz, não. Vemos um presépio delicioso, onde um menino Jesus está deitado numa almofada branca; um São José que é um primor de estilisação com uma corola só, no cimo dum pedúnculo de arame a simbolisar o bordão, e a Virgem, ajoelhada, mística e alegre, nalguns exemplares até brincos de oiro tem como qualquer mondadeira atrevida; os três Reis Magos, que são três poemas de ironia e de ingenuidade, pintados toscamente de diversas tonalidades, mas quási tudo em tons claros, em vermelhos esbatidos e, se alguma côr é mais violenta, nunca vai além do ladrilho-alaranjado ou do negro côr de amora. Mas isto só nos detalhes. Nos galos e nas galinhas, por exemplo, é tudo esbranquiçado com pintas e salpicos por cima em diferentes coloridos.

Tem estas duas modalidades bonecreiras só de comum, o serem feitos de barro e um apito que quási todos tem no plinto, sôbre que assentam. Os bonecos de Barcelos estão, ainda que longe, mais perto dos do Porto do que dos de Extremoz. Os modelos portugueses são verdadeiras miniaturas de costumes ainda actuais, e nos de Barcelos, lá de longe em longe, reflete-se essa faceta tambem.

Os de Extremoz não fogem à regra dos costumes, mas deformaram-nos tanto, estilizaram-nos na côr e na linha, que criaram o que se pode chamar em arte, uma humanidade à parte, com os seus homens diferentes de todos os homens, as suas mulheres diferentes das outras mulheres, os seus animais, como sejam as galinhas, perús, carneiros, cavalos, etc., aparecem sempre vistos através duns óculos, que deformam e, portanto, criam.

No entanto, qualquer das maneiras de fazer bonecos, pertence ao mais além da palavra "interessante». Os bonecos de Barcelos no Minho, os dos arredores do Porto no Douro, os do Prado, os das Caldas podem constituir, um étnico documentário maravilhoso, da alma irónica das nossas gentes.

E' interessante confrontar a arte portuguesa dos bonequinhos de barro com a dos outros países, como sejam, por exemplo, a de Espanha, França, Rússia, Checo-Eslováquia, Alemanha, etc., etc. Em quási tôdas as nacionalidades existe essa característica arte popular de fazer bonecos. Mas, sem sabermos explicar as causas, são a Checo-Eslováquia e a Rússia (das que nós conhecemos) as que possuem modelos com maior afinidade com os bonecos de Barcelos ou de Extremoz.

A indústria dêstes últimos tem estado o que se chama completamente abandonada. Tomou agora certa animação devido ao incitamento de boa vontade do professor e director da escola industrial daquela cidade — Sá Lemos. O seu nome ficará ligado à arte portuguesa que tem a missão de trabalhar o barro. Bem haja, pois. O que seria interessante é que outras indústrias populares olhassem êste exemplo. Está neste caso a indústria dos tapetes de Arraiolos. Que bonita não seria ver as nossas casas cheias dêsses tapetes, das colchas de Castelo Branco, das nossas coisas, enfim!

O renascimento da arte de manejar o barro fez-se agora. Porque estaria tantos anos parada?

Houve em Extremoz várias gerações de bonecreiros, mas foi quasi sempre dada ás mulheres a primasia. Actualmente, a persistência de Sá Lemos conseguiu vencer a relutância de uma antiga mulher que, na sua mocidade, se dedicára a êsse mister. Parece que havia rotina ou desinteresse pelo aprêço desse trabalho. A senhora Ana das Peles, moradora junto ao castelo de D. Denis, onde a cal das casas se casa à maravilha com o ar coevo da sua industria, lá se resolveu, afinal.

Aspecto geral da vila de Extremoz

D. Sebastião Pessanha, na revista "Terra Portuguesa» alude aos "bonecos ingénuos e rudimentares da senhora Gertrudes Rosa Marques, com oficina na travessa do Outeiro.

Houve, além disso, nesses últimos anos, mais como a Tia Tacha, a Tia Estopa...

Pretendi citar apenas o Além-Tejo e Tras-os-Montes que, no dizer dum escritor muito apreciado, são das nossas províncias as mais provincias de Portugal.

Bom seria realmente não adulterar os seus gôstos, as suas reminiscências coevas, os seus costumes, a sua indumentária, etc.

Com os bonecos, deu-se agora o seu renascimento.

E o seu trajo? E todas as outras indústrias manuaes, como sejam, por exemplo, a arte de entalhar cortiça, em tarros saleiros, costuras e tantas coisas lindas?

E o seu mobilário?

Esperamos que estas preguntas tenham resposta.

Azinhal Abêlho.

FLORES DE SANGUE

Uma coisa que não aborrece e não cansa o público é a feira. E faz pena que não se façam já essas aglomerações de barracas, onde o povo encontrava uma distração e que era um modo de vida como outro qualquer para os feirantes ganharem o seu pãosinho de cada dia.

A gente entrava no recinto e logo a nossos ouvidos chegavam os pregões dos palhaços, da mulher das barbas, do homem gigante e de outros fenómenos que ali se exibiam para nosso gaudio e, às vezes, para ensinamento até.

Lá dentro, em estrados periclitantes como certos andaimes de construções, as dansarinas, de pantalonas côr de rosa e umas saias desbotadas de gase com lantejoulas, já muito amarfanhadas na luta pela vida, passeavam a sua plástica emagrecida pelas privações, enquanto que nas faces pintalgadas de carmim barato se abria um sorriso confrangedor.

Quem entrava nessas barracas dos pobres párias da arte de Talma ou de Terpsicore, e tivesse um pouco de coração saía de lá entristecido.

Mas é sabido que a maior parte das pessoas que vão a estas diversões, só pensam em rir e folgar e deixar lá fora o coração, quando entram nesses tugúrios da miséria.

Aquelas *fifias* das cantoras e os esgares das bailarinas são outras tantas fábricas de gargalhadas, porque ninguém sabe quanta dor, quanta tragédia há por detrás de tudo aquilo que quer ser alegria e é só tristeza.

Essas feiras, afinal, tirando as barracas de comidas, eram no fundo um grande estendal de desolação e desgraça.

Todos os que a natureza marcava com o estigma do aleijão ou do fenómeno ali iam exibir a sua desventura, para a transformarem numa côdea e num catre, para calar o estomago esfomeado e descansar o corpo fatigado e lasso da inglória labuta.

■

Os animais, então, davam, e dão ainda hoje nas feiras civilizadas, um grande contingente de atração.

Porque os animais não são apenas os amigos do homem. Há muitos que até sustentam o seu dono que nem sempre teve a fadiga de ensiná-los, sabido como é que vários domadores compram os seus "artistas" já prontinhos a apresentar em público.

E é uma coisa para admirar, a paciência de certas criaturas em domesticar animais, desde o rei da selva ao miserável insecto.

E mais de espantar é observar que haja inteligências em animais tão inferiores como a pulga, por exemplo.

O ensino dêste antipático bichinho, que destroe categorias com uma atroz sem-cerimónia confundindo, na sua gula, rainhas e mendigos, tem tentado algumas gerações de domadores.

Conheci, lá fora pela estranja, um alemão, Schmidt, que já herdara dos seus avós essa mania habilidosa.

O seu teatro saltitante deslocava-se constantemente, ao sabor das feiras erguidas por êsse mundo e, em volta da mesa redonda, o seu palco, onde as pulgas evoluiam, sentava-se um público ávido de sensações.

Elas faziam uma espécie de ginástica, puxavam carruagens, dansavam, faziam mil momices, do comando ao seu dono e senhor.

A gente ficava maravilhada, mas agitava-se, como se algum dêsses bichinhos se escapasse e andasse a fazer das suas diabruras na pele de cada um.

Simples sugestão, porque os "artistas" estavam presos a um fiosinho ténue que mal se via, mas forte bastante para resistir à sua ânsia de liberdade.

E pode fazer-se idéa do tormento dessas sugadoras de sangue, vendo em volta tanto com que banquetear-se e ter de esperar pela hora marcada para a refeição.

■

Os domadores têm grande trabalho e grandes gastos com o seu pessoal artístico.

O ofício do domador de pulgas é mais incomodativo mas pouco dispendioso, quando o domador se dispõe a servir êle próprio de repasto às suas pensionistas.

E' massador, mas mais económico, êsse processo. E é o que se faz habitualmente. O dono dessa curiosa "ménagerie" oferece os seus braços à gulodice da sua companhia.

Há também quem contrate pessoas para irem, em horas combinadas, dar o almoço ou o jantar às pulgas artistas.

■

Conservo ainda na memória um episódio da minha vida de palco que se relaciona, muito curiosamente, com êste assunto.

Entre a roda de rapazes que freqüentavam os bastidores do teatro da Trindade, notava-se um mancebo aloirado e tímido, doido por música, creio mesmo que pianista distinto, o qual, durante um certo período, me mandava, tôdas as noites, um ramo de flôres.

Eu sabia que o rapaz era um filho-familia sem vintem, como todos os filhos-familias ou quasi todos, de todos os tempos, e admirava-me daquele esbanjamento de capital.

Uma noite, ao agradecer-lhe tão repetidas gentilezas, no meu camarim, não pude conter-me e perguntei-lhe:

— "Onde é que você vai buscar o dinheiro para estas extravagancias? Veja lá não esteja fazendo tolices — ouviu?"

Êle, muito embaraçado mas dicidido a mostrar a fonte honrada do seu pecúlio, arregaçou as mangas e mostrou os braços cheios de pintas vermelhas.

Havia em Lisboa uma feira e, nessa feira, uma barraca de pulgas sábias.

O Raúl — recordo-me bem do nome — dava o seu sangue a beber às pulgas, e de cada vez que metia um braço, na barrica, onde as vampirezas loiras pulavam impacientes, recebia quinhentos réis. Com êsse dinheiro comprava flores para mim.

Não sei que foi feito dêsse admirador de um tão adoravel platonismo. Desapareceu, quando se levantou a feira.

Já não podia fazer flores com o seu sangue, e não queria aparecer sem essas eloqüentes mensageiras do seu sentir.

■

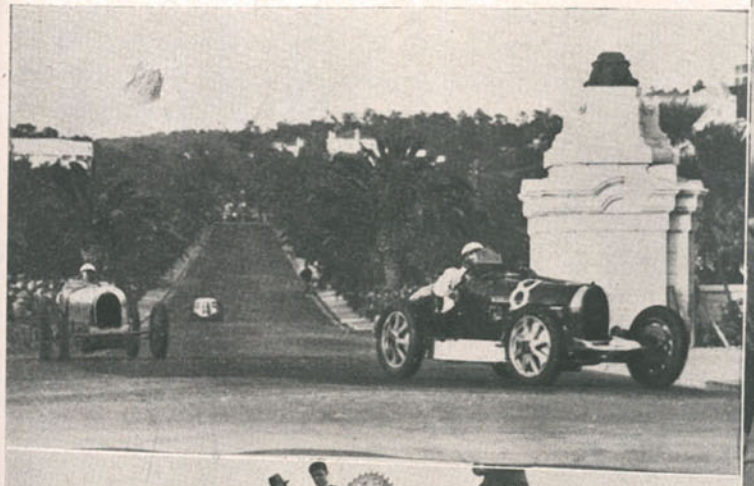
E as pulgas sábias lá foram também a caminho doutras terras sugando outros braços e alimentando talvez — quem sabe lá! — outras cândidas ilusões como as do meu estoico admirador.

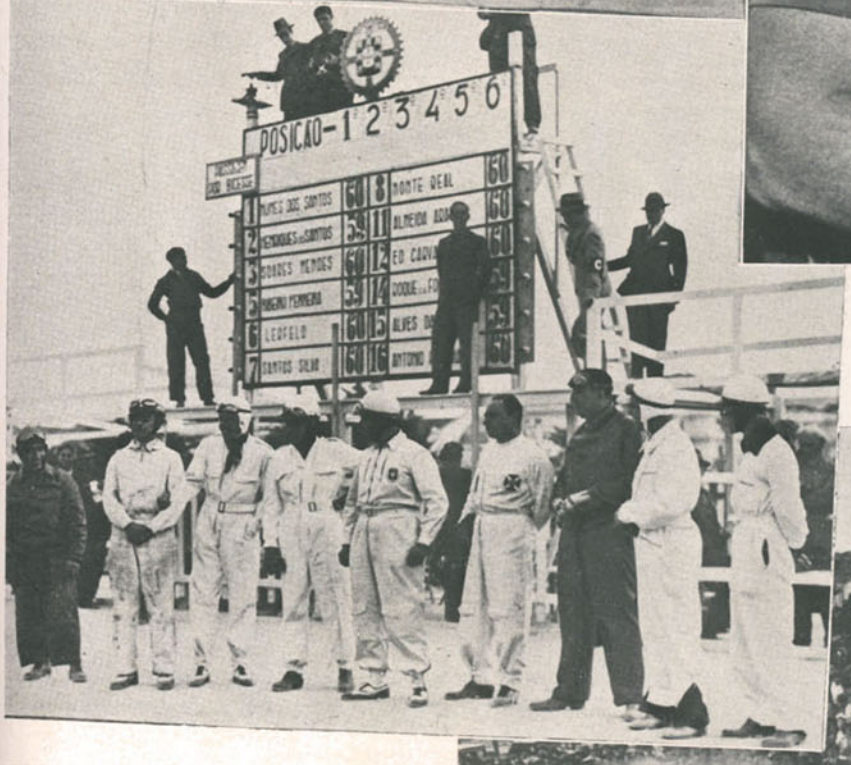
Uma noite destas, ao aparecer no Luna Parque, onde há uma barraca dêsses diligentes parasitas, lembrei-me do Raúl e das suas flores de sangue, que surgiram das cinzas do meu passado, frescas e viçosas, como acabadinhas de colher agora mesmo...

Mercedes Blasco.

O 1.º CIRCUITO AUTOMOBILISTICO DO ESTORIL

O Estoril, formosa estância que encanta todos os que se lhe aproximam, teve há dias mais uma extraordinária atracção: o 1.º Circuito Automobilístico que despertou o entusiasmo de muitos milhares de pessoas ávidas de presenciar a luta emocionante entre os nossos mais distintos volantes, muitos deles com «categoria internacional». A organização da comissão desportiva do Automóvel Club de Portugal foi perfeitíssima. Os volantes, sem o receio dos peões, atiraram-se loucamente na conquista de boas velocidades que lhes garantissem uma posição de destaque. Sacos de areia e fardos de palha ao longo do percurso, e, em especial, nas curvas, patenteavam eloquentemente o cuidado com que tinham sido observados todos os pormenores indispensáveis à boa realização duma prova da categoria do 1.º Circuito do Estoril. Tudo havia sido previsto: desde o policiamento aos serviços de saúde, a cargo dos Bombeiros Voluntários de Cascaes, Estoril, Parede, Carcavelos e Alcabideche, nada faltou.

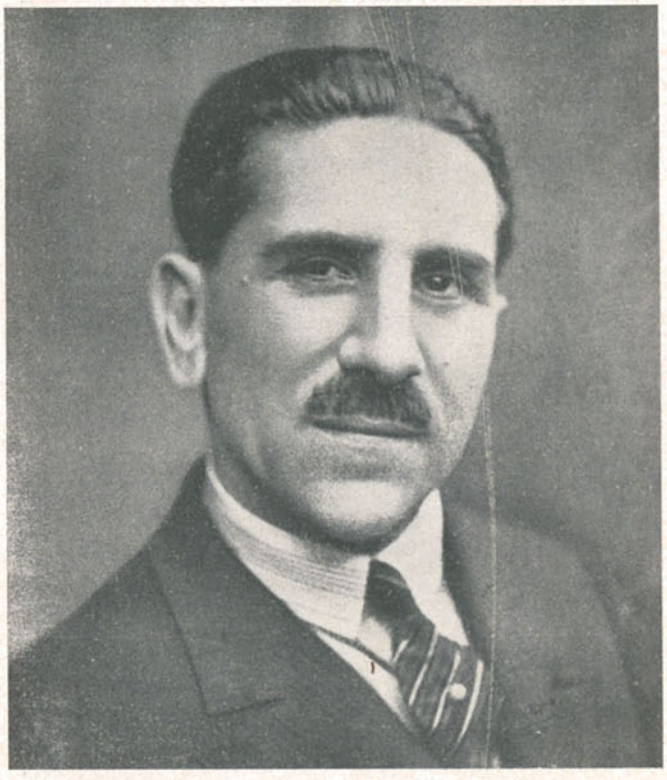




Venceu Ribeiro Ferreira, seguido de Jorge Monte Real e Soares Mendes e Henrique Lerhfeld. A multidão, entusiasmada, ovacionou o vencedor, não esquecendo os que tanto se aproximaram da vitória.

Três aspectos da emocionante prova. Em cima, à direita: *o vencedor Ribeiro Ferreira*

FIGURAS E FACTOS



Comendador Aureliano Machado

ACABA de falecer no Rio de Janeiro uma das figuras mais bondosas e queridas da imprensa carioca, Aureliano Machado, o director da importante *Revista da Semana*. Inteligente e activo, conseguiu pela sua persistência e honradez um lugar de destaque e pela sua inexcedível bondade, uma multidão de amigos.

O ilustre extinto era antigo sócio da Associação Brasileira de Imprensa e fazia parte do seu conselho deliberativo. Amigo intimo de Artur Brandão, Aureliano Machado associou-se-lhe com Malheiro Dias para a aquisição e desenvolvimento da *Revista da Semana* e de outras publicações importantes que a Companhia Editora Americana, fundada pelo nosso director, lançou no Brasil.

A morte veiu surpreendê-lo na parte mais interessante da sua obra. Tinha 54 anos de idade e prometia intensificar os seus trabalhos cada vez mais perfeitos, mais entusiásticos e profícuos.

Era estimadíssimo e querido em todos os meios sociais disfrutando uma situação de acentuado relêvo, tendo sido distinguido por alguns países que lhe concederam as mais honrosas condecorações.

O seu desejo de agradar e o seu espírito de iniciativa levaram-no a contribuir para a fundação de outras emprêsas e a financiar sociedades que para a sua generosidade apelavam. Nem sempre a sua gentileza foi reconhecida e devidamente apreciada. Teve ingratidões. Agora que desapareceu é que, até os cegos, verão a falta que êle fez.

Torturado, há tempos, por uma grave doença, recolheu ao Sanatório de Santa Catarina, em S. Paulo, para ser operado. A enfermidade que o minava era, no entanto, das que não perdoam e o nosso querido amigo não resistiu.

Do lado de cá do Oceano, apartados por tantas léguas, a nossa saüdade abraça a sua família e envolve o seu ataúde.

Querido companheiro! Adeus, até um dia!

Nuno Catarino Cardoso

O ilustre escritor Nuno Catarino Cardoso continúa a sua obra «Arte Portuguesa», que com tanto êxito iniciou com os «Pelourinhos do Minho e Douro», publicando o 2.º e 3.º volumes — «Azulejos de Figura Avulsa» e «Museus Portugueses». A sua actividade, que poderá servir de estimulo a todos os que se dedicam a trabalhos úteis, merece o nosso franco aplauso. Prossiga apesar de tôdas as dificuldades, porque vale a pena.

D. Judith Gomes da Silva

SURGE uma poetisa de raro merecimento no céu quási deserto da Literatura Portuguesa. O seu livro «Rendas Vermelhas» que modestamente assinou com o pseudónimo de «Lygia» marca-lhe um lugar de destaque que não estará longe da consagração.

SEMINÁRIO DE S. PAULO EM ALMADA

NO velho convento de Almada que em tempos pertenceu à Ordem dos Prègadores, o sr. Cardeal Patriarca acaba de inaugurar o Seminário de S. Paulo que, dominando o Tejo, continuará a manter as suas velhas tradições de bastião da fé cristã. Fundado no século XVI por Frei Francisco Foreiro, prior de Lisboa e assistente no Santo Ofício, o vetusto convento marcou o seu lugar durante várias gerações. Um dia, desapareceu. É agora, sôbre as suas ruinas, que se levanta o novo Seminário, cuja inauguração revestiu grandiosa imponência. Do velho casarão abandonado surgiu a nova instituïção, à semalhança da Fénix que renasce das próprias cinzas.

Comemoração da tomada de Lisboa aos moiros

No dia 25 de Outubro, a cidade de Lisboa comemorou o 789.º aniversário da sua conquista aos moiros, ostentando as suas melhores galas.

Após as cerimónias militares, a que presidiu o ministro da Guerra, a Câmara Municipal realizou um vasto e bem delineado programa que muito honra os seus organizadores.

A Exposição bibliográfica e iconográfica mostrou bem o talento e a competência de quem a dirigiu.

Merecem especial referência as seguintes espécies: o busto de D. Afonso Henriques, exemplar do século XVIII; o primeiro foral de Lisboa dado pelo conquistador da cidade; a reprodução das inscrições da Sé relativas ao acontecimento; a reprodução dos famosos azulejos de S. Vicente de Fora; o célebre e valioso quadro seiscentista da igreja de S. Crispim, que a Câmara acaba de adquirir e que, após a Exposição, vai ser convenientemente restaurado; a foto-cópia da narrativa do cruzado Osberno; o volume raro «El Alphonso», de Morais e Vasconcelos; um manuscrito da Cripite de D. Afonso Henriques; além de copiosa bibliografia, do século XVI aos nossos dias, e de numerosas estampas alusivas.

O Castelo de S. Jorge, na sua parte militar, foi profusamente decorado. A cortina das muralhas, as torres do castelo, a Praça de Armas, a Praça Nova e a Parada, tudo foi ornamentado com galhardetes, bandeiras e troféus, erguidos em mastros que contornavam o perímetro do aquartelamento. Das janelas do edifício que dão sôbre a Parada pendiam colchas artísticas, nas que olham para a cidade estavam suspensas flamulas e as paredes e muros caiados de fresco alegravam o ambiente da velha fortaleza medieval, que foi vista de tôda a cidade ornamentada como nunca esteve.

Depois das 20 horas, 150 reflectores iluminaram, com luz indirecta, as muralhas do Castelo, fazendo-as realçar na escuridão da noite. A Câmara Municipal procurou, assim, concentrar no Castelo, padrão da conquista aos mouros, a parte mais intensa destas comemorações.

A cerimónia militar começou às 13,30 horas, com a parada do Batalhão de Caçadores n.º 7, que ali está aquartelado. Ás 13 horas chegaram ali contigentes de todos os regimentos da guarnição, e também da G. N. R., da Marinha, da Polícia, da Guarda Fiscal, da Escola Naval, da Escola Militar e do Instituto dos Pupilos do Exército. Após o toque de continência e o içar da bandeira de D. Afonso Henriques, proferiu uma alocução o tenente sr. Farinha dos Santos, de Caçadores n.º 7.

Seguiu-se a inauguração dum quartel de Sapadores Bombeiros em Benfica. Outros melhoramentos surgiram: inauguração de bibliotecas itenerantes, marcos fontenários e mais 121 candieiros de iluminação pública, duma Escola de Aprendizagem dos Serviços Industriais da Câmara Municipal e a fundação do Bairro Operário de Alcântara.

Feliz aniversário êste tão cheio de prosperidades! Que se repita por muitos mais Outubros, são estes os nossos mais ardentes votos.

Em cima: *No Castelo de S. Jorge — O tenente Farinha dos Santos lendo a sua alocução patriotica.* — Ao centro: *Assistência a inauguração da Exposição bibliografica na Câmara Municipal. — Um aspecto da Exposição de Crisântemos — No Castelo de S. Jorge* — Em baixo: *O solene momento de ser içada a bandeira de D. Afonso Henriques*

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

«No Casino Estoril»

Realizou-se com uma enorme e selecta concorrência, na tarde de sábado, 12 de Outubro último, no salão do teatro do Casino Estoril, gentilmente cedido pela direcção, uma festa de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, a favor da Casa de Trabalho de Santo António do Estoril, cujo programa foi elaborado pelo distinto actor Erico Braga, e nêle tomaram parte graciosamente os distintos artistas Hortense Luz, Margarida de Almeida, Alexandre de Azevêdo e Erico Braga, que se fizeram ouvir em vários números do seu vasto reportório e pela primeira vez a declamadora chilena Afonsina de Scaffa, tendo todos sido muito aplaudidos ao terminar os seus números.

Na assistência a esta linda festa, recorda-nos ter visto, entre outras, as sr.as:

Condessa de Vila Alva, Condessa de Murça, Condessa das Alcáçovas (D. Catarina), Viscondessa de Santo Tirso (D. Maria), Viscondessa de Santarém, D. Branca de Atouguia Pinto Basto, D. Alice Ferreira Pinto Basto, D. Cristina Resende Dias da Silva, D. Josefa Contreiras, D. Filipa de Sá Pais do Amaral Coelho, D. Lívia de Arriaga e Cunha de Melo Breyner e filha, D. Adelina Santos, D. Eugénia Machado Ribeiro Ferreira, D. Rita de Somer Pereira, D. Laura de Abreu Reis Ferreira e filhas, D. Júlia Camacho Santos, D. Maria Leonor de Sousa Madureira Osório, D. Ana Laboreiro de Mira Mendes, D. Alice Guedes de Herédia, D. Matilde Matoso dos Santos e filha, D. Josefina de Arbués Moreira, D. Alice Sousa e Melo e filha, D. Ana de Serpa Osório, D. América da Rocha Melo e filha, D. Beatriz Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Cândida Luppi Santos Jorge, D. Palmira Lucas Tôrres, D. Maria Barral Filipe, D. Maria da Conceição Pinto de Morais Sarmento Cohen, D. Albina Cordeiro Rebelo, D. Judite Maia de Carvalho, D. Fernanda Pettencourt Moreira de Carvalho e filhas, D. Ester Abecassis Serruia e filha, D. Maria Amélia Resende da Silva de Melo, D. Maria Gabriela Goulart Caldas Forte, D. Maria da Nazaré Centeno Infante da Câmara, D. Emília de São Paio da Costa Pinto, D. Margarida Borges de Sousa Duarte Ferreira, D. Maria da Conceição de Eça Leal Abecassis, D. Maria Carolina Joice Lamas, D. Maria Roquete de Campos Henriques, D. Clara Abudarham Buzaglo e filha, D. Maria Domingas Salame Manoel de Andrade Pinto, D. Carlota Ressano Garcia Anahory, D. Maria Amélia Lucas Tôrres Farinha, D. Rosa Barroso de Matos Cid e filha, D. Maria Antónia de Sousa Pires Rebelo, D. Maria Helena Belmar da Costa Morais, D. Sofia de Campos Henriques de Almeida Cosa, D. Eugénia e D. Sára da Costa Cardoso, D. Berta Belmar da Costa, D. Lívia Brito Figueira Barral Filipe, D. Maria Antónia de Saldanha Marreiros Franco, D. Maria Helena e D. Maria Luísa Guedes Pinto Machado, D. Helena Iglezias Viana, D. Maria Henriques de Lencastre (Alcáçovas), etc., et.

A comissão organisadora pede-nos que em seu nome agradeçamos a todos os artistas que graciosamente tomaram parte nesta festa de caridade e sôbretudo ao distinto artista Erico Braga, pelo brilhante programa apresentado.

«Na Praia das Maçãs»

Da comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, que levou a efeito, na praia das Maçãs, no dia 1 de Setembro último, uma festa de caridade, a favor do Preventório de Colares, festa que constou de «Arraial Popular», recebemos, com o pedido de publicação, as contas da mesma festa:

Receita — Entradas, 4.029$00; Donativos, 785$; Rendimento das várias barracas, 9.969$50; Rendimento de outras provenciencias, 503$20. Soma total, 15.286$70.

Despesa — Despesas várias, 5.269$55. Receita liquida, 10.017$15.

Desta importancia foi entregue à tesouraria da Comissão Administrativa do Preventório de Colares, a quantia de 9.917$15 e à sr.ª D. Izabel de Morais Sarmento (um vale do sr. D. Alberto de Velasco y Méra), a quantia de 100$00, que prefaz o líquido de 10.017$15.

Casamentos

— Em Evora, realisou-se o casamento da sr.ª dr.ª D. Glória Nobre de Gusmão, licenciada em letras pela Universidade de Lisboa, com o distinto engenheiro sr. Jaime de Morais, servindo de padrinhos por parte da noiva a sr.ª D. Maria da Glória Fragoso Lomba, e seu pai o sr. Manuel Nobre de Gusmão e por parte do noivo sua mãi a sr.ª D. Magna Fernandes de Morais e seu irmão o sr. Manuel Amilcar de Morais.

Presidiu ao acto o reverendo monsenhor Rosa Marques, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, na elegante residência dos pais da noiva, partindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel, seguindo de ali para Mirandela onde foram fixar residência.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Realizou-se na paroquial dos Anjos, o casamento da sr.ª D. Maria Celeste Lima de Oliveira, gentil filha da sr.ª D. Júlia de Carvalho Lima de Oliveira e do sr. Augusto Carlos de Oliveira, com o sr. António Aires Gomes Ponce, filho da sr.ª D. Margarida Aires Gomes Ponce e do sr. Amandio Gomes Ponce.

Foram madrinhas as senhoras D. Cecília Dias de Almeida e D. Beatriz Pereira de Meneses Leal e padrinhos o pai da noiva e o sr. tenente coronel Luiz de Meneses Leal Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria Marques, partindo os noivos depois para Cascais onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Na paroquial da vila de Envendos, concelho de Mação, realisou-se o casamento da senhora D. Josefina de Matos Viegas, interessante filha da sr.ª D. Ludovina de Matos Viegas e do sr. David Viegas Facada, com o sr. António Ribeiro Soares, filho da sr.ª D. Augusta Ribeiro Soares, já falecida e do sr. António José Soares.

Serviram de madrinhas as sr.as D. Antónia Godinho Torres e D. Josefina Torres Grácio e de padrinhos o pai e o tio do noivo sr. Tiago Alves Soares.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche na elegante residência do pai da noiva, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Realisou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Olga Alcântara de Almeida e do sr. João Almeida, com o sr. Manuel Teixeira Catarino, filho da sr.ª D. Albina da Conceição Catarino e do sr. António Teixeira Catarino.

Foram madrinhas as sr.as D. Mécia Almeida e Silva e D. Emília Costa e padrinhos os srs. Plínio da Silva e Amadeu Costa.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche da pastelaria Marques na elegante residência dos pais da noiva, partindo os noivos depois para o Estoril, onde foram passar a lua de mel, seguindo de ali para Espanha.

Aos noivos foi oferecido um grande de artísticas prendas.

— Pela sr.ª D. Carolina de Jesus Pereira e pelo sr. José Lopes Cardoso, foi pedida em casamento para o sr. Mateus Pereira Agostinho, funcionário da Caixa Geral dos Depósitos, Crédito e Previdência, a sr.ª D. Guilhermina Kemp dos Santos, interessante neta da sr.ª D. Guilhermina Sousa e do sr. António Luiz de Sousa.

Na paroquial dos Santos Reis, ao Campo Vinte e Oito de Maio, realisou-se o casamento da sr.ª D. Clementina Augusta de Matos, com o sr. António dos Santos de Oliveira Coelho tendo servido de padrinhos por parte da noiva a senhora D. Eliza Girou e o sr. Mário Girou e por parte do noivo sua mãi e seu irmão o sr. Francisco de Oliveira Coelho.

— Para seu filho Artur Jorge, foi pedida em casamento pela sr.ª D. Guilhermina de Almeida Cruz, esposa do sr. Luiz José da Cruz, a senhora D. Maria Regina da Silva Fernandes, gentil filha da sr.ª D. Beatriz Pereira da Silva Fernandes e do sr. José Fernandes, devendo a cerimónia realisar-se ainda êste ano.

— Realizou-se na paroquial de S. Jorge, em Arroios, o casamento da sr.ª D. Maria Amália Corrêa de Freitas Torres, gentil filha da sr.ª D. Maria de Madre de Deus de Azevêdo Coutinho Corrêa de Freitas Torres e do sr. Jaime Torres, com o distinto quintanista da Faculdade de Medicina de Lisboa, sr. dr. Adriano Viegas Salema, filho da sr.ª D. Berta do Quental Calheiros Viegas Salema e do sr. Alexandre Campos de Sande Salema, funcionário superior dos Correios e Telegrafos.

Foram madrinhas a prima da noiva sr.ª D. Maria Josefa Corrêa de Freitas Mogo de Melo e a mãe do noivo e padrinhos o primo da noiva sr. José Manuel Guimarães Mogo de Melo e o pai do noivo.

Presidiu ao acto o reverendo Pio, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residencia dos pais da noiva, um finissimo lanche, partindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Pelo tenente coronel sr. Belizário Pimenta, foi pedida em casamento para seu sobrinho, o distinto quintanista de direito, sr. dr. Henrique Costa Ferreira, filho da sr.ª D. Alice Pimenta Costa Ferreira e do falecido clínico sr. dr. Aurélio da Costa Ferreira, que foi director da Casa Pia, a sr.ª D. Maria Augusta Oliveira Frága, interessante filha da sr.ª D. Maria Isabel Oliveira Frága e do distinto advogado sr. dr. Germano Frága, conservador do Registo Civil.

— Realizou-se o casamento da sr.ª D. Emilia Meiners Pedrosa Grima, gentil filha da sr.ª D. Laura Meiners Pedrosa Grima e do sr. António Grima, com o sr. Armindo José Rodrigues, filho da sr.ª D. Catarina Rosa y Alberty Rodrigues e do sr. José Isidoro Rodrigues.

Serviram de madrinhas a mãe da noiva e a sr.ª D Maria Rosa de Carvalho Rodrigues e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Manuel Bento Rodrigues.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residencia dos pais da noiva, um finissimo lanche da pastelaria «Versailles», seguindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Na paroquial dos Anjos, realizou-se o casamento da sr.ª D. Alice Lopes Pereira, gentil filha da sr.ª D. Constança Marques Pereira e do sr. António Pereira, com o sr. Fernando Vicente, filho da sr.ª D. Umbelina Vicente, tendo servido de madrinhas a sr.ª D. Alda Decken dos Santos Lino e a mãe do noivo e de padrinhos os srs. Raúl Lino e António de Vasconcelos.

Presidiu ao acto o coadjutor da freguesia reverendo Vicente Esteves, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residencia dos pais da noiva, um finissimo lanche da pastelaria «Marques», seguindo os noivos depois para as Caldas da Rainha, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Em Obidos, realizou-se na capela da lindissima propriedade do sr. dr. Figueirôa Rego, o casamento da sr.ª D. Maria Amélia Abranches, com o sr. António Lopes da Costa Júnior, tendo servido de padrinhos por parte da noiva a sr.ª D. Irene da Cunha e Sá Abranches Figueirôa Rego e o sr. Alberto da Cunha e Sá, tesoureiro da Fazenda Pública, nas Caldas da Rainha, e por parte do noivo o sr. Tomaz Azevêdo e Silva e esposa.

Ao acto presidiu o reverendo Cónego Cancio, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido no salão de mesa da elegante residencia, um finissimo lanche, partindo os noivos depois para o norte do país, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

Baptisados

Realizou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o baptisado da menina Maria Paula, gentil filhinha da sr.ª D. Maria Amélia da Silva Pita e Cunha e do sr. dr. Paulo Cunha, tendo servido de madrinha, sua avó materna sr.ª D. Amélia Barata Salgueiro da Silva Pita e de padrinho seu avô paterno sr. Arsénio Casimiro Cunha, sendo o acto presidido pelo reverendo conego Feliciano Teixeira Pita, tio dos pais da recem-baptisada.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da miuda, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles».

D. Nuno.

A QUINZENA DESPORTIVA

PELA respectiva Comissão Administrativa, foi aberto concurso para apresentação de projectos do Estádio Nacional, ha quási dois anos prometido aos desportistas portugueses pelo Presidente do Conselho. A obra prossegue assim o caminho da realização e, pelos moldes apresentados deve resultar grandiosa; o plano geral das edificações é amplo e, quando terminado, deve oferecer à nossa mocidade um vasto campo onde pôr em acção a sua actividade física, sendo apenas para lamentar que o local escolhido seja tão distante e de acesso tão difícil.

Desde a primeira hora temos manifestado na *Ilustração* a nossa discordância pela construção do Estádio nos terrenos de Pedrouços e Algés, primitivamente indicados, e agora mais se agravam os inconvenientes que então apontámos. O terreno preferido para a instalação do Estádio e anexos, e destinado a êste fim no plano geral de urbanização da Costa do Sol, fica situado no vale do Jamor, entre Carnaxide e a Cruz Quebrada, num ponto para o qual não existe acesso e cuja distância do centro da cidade torna praticamente impossível a sua freqüência regular pelos atletas em treino.

Achamos muito bem que se valorize a zona turística da Costa do Sol, porque beneficiará a cidade e toda a região; mas o Estádio não é edificado para os estrangeiros instalados nos Estoris, nem tão pouco para os privilegiados da sorte que dispõem dum automóvel para as suas deslocações. O Estádio destina-se ao povo, e êsse não pode de maneira alguma utiliza-lo para os seus exercícios físicos, dispendendo soma avultada no transporte e perdendo na viagem todo o tempo que os seus afazeres profissionais deixam livre.

Aceitamos o facto tal como êle é, porque são estéreis todas as discussões, e oxalá o futuro não venha dar-nos razão, quando o mal seja já irremediável; ficamos esperando que do concurso agora aberto pelo Govêrno resulte uma obra condigna, moderna e tecnicamente perfeita.

A descrição circunstanciada do plano, dada a conhecer ao público por todos os jornais, é de feição a regozijar todos os desportistas do País, pois demonstra bem a grandiosidade do plano concebido e o escrúpulo com que procuraram atender às necessidades da prática de todos os jogos e modalidades, num ecletismo que excede as nossas mais otimistas previsões.

Consideremos tal facto como testemunho do interesse do Estado pela propaganda do desporto, e esperemos que, enveredando por tão bom caminho, o apoio dos Poderes Públicos prossiga afirmando-se por outras fórmas, completando um programa de realizações diversas, indispensáveis ao progresso desportivo e à integração do desporto no número dos agentes úteis à educação física da Nação.

O pugilista português António Rodrigues, que pelos seus combates muito habilmente organizados tem conseguido alcançar na massa do público uma aura de campeão valoroso, foi recentemente a Madrid derimir com o espanhol Inácio Ara uma questão de superioridade que ficára em suspenso perante o empate do seu primeiro encontro. Diziam as más línguas a êsse tempo que a decisão fazia parte do contrato, e preparava uma desforra para Madrid, na qual o nosso compatriota seria desclassificado por golpe baixo. Nunca démos crédito a semelhantes boatos maldizentes, mas o destino prepara, às vezes, coincidências comprometedoras: António Rodrigues foi desclassificado ao sétimo assalto, por golpe baixo que incapacitou o adversário de prosseguir na luta.

Não nos é possível formular juizo sobre o combate, mas a impressão geral colhida na imprensa espanhola é relativamente favorável, sobretudo se levarmos em conta a natural tendência de favorecer um compatriota que foi o ídolo dos amadores do pugilismo na nação vizinha.

■

O futebol retomou o primeiro plano na escala de actividade portuguesa.

Depois dos primeiros domingos de contacto, os campeonatos regionais assenhorearam-se da situação e prosseguem dentro de características que não constituem novidade. Em Lisboa, onde a competição é mais severa e equilibrada, as surpresas sucedem-se e os grupos desmentem de jornada para jornada os resultados anteriormente alcançados.

O Belenense é batido pelos dois adversários, no torneio de abertura, em cuja final o Sporting triunfa do Benfica por 5-2; uma semana mais tarde o mesmo Benfica derrota o mesmo Sporting por 4-0, parecendo mostrar subida de forma, mas, no domingo seguinte, cede a vitória ao Belenense, por 3-2. Onde pára a lógica?

Se procurarmos uma conclusão para estes acontecimentos anómalos, é forçoso admitir a inconstância das exibições dos nossos jogadores, fundamentando-a em insuficiência de classe ou escassez de preparação. Duma ou outra forma, é reduzida a confiança que podem inspirar aos seus adeptos e a situação a todos interessa pois se virá reflectir no valor futuro da equipa nacional.

■

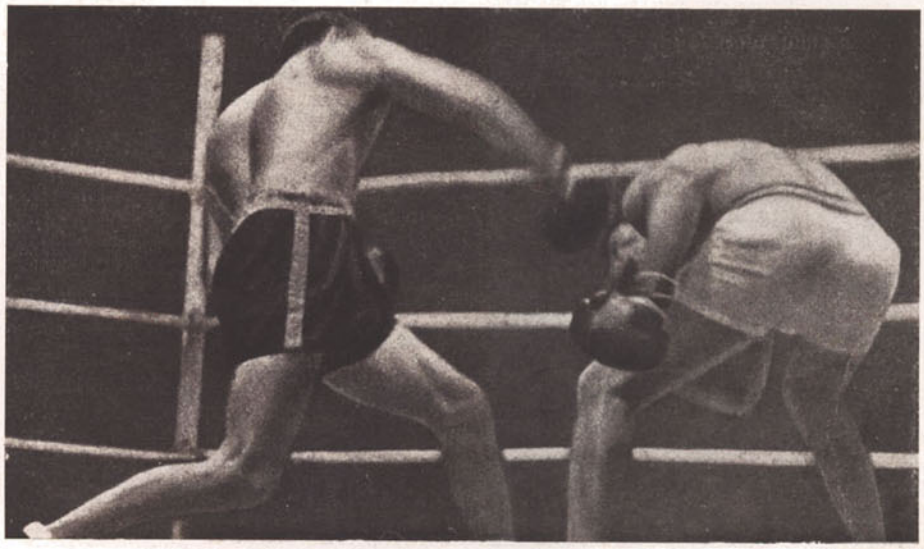
O torneio olímpico de futebol para o ano próximo, parece que leva chumbo na asa. Uma vez mais o problema dos amadores e profissionais levanta dificuldades insuperáveis e põe a nu a irregularidade de certas situações que a ninguém enganam.

A França foi o primeiro país a tomar uma atitude razoável, resolvendo a sua abstenção, justificada em comunicado oficial com uma clareza que não permite dúvidas: «A instituïção do profissionalismo não consente que se considere desportivamente possível a constituïção duma equipa nacional de jogadores amadores.»

Aos alemães não agradou a decisão, que por certo vai ser imitada por outras nações em idênticas circunstâncias, como a Austria, a Espanha, a Hungria e talvez a própria Itália; com uma rudeza pouco diplomática, o dr. Linemann, presidente da federação germânica, declarou: «A abstenção nos jogos Olímpicos representa uma falta de espírito de camaradagem. Não arriscamos nós muito — porque possuimos apenas jogadores puramente amadores — indo à Itália tomar parte no campeonato do mundo e correndo o perigo de sermos batidos logo nas eliminatórias?»

É êste o estado de espírito que torna difícil a solução do conflito.

Salazar Carreira.



Uma esquiva de Rodrigues a um golpe de Ara

Raymond Massey no papel do aviador Cabal

VISÕES DO FUTURO

H. G. WELLS E O CINEMA

Um sensacional filme de antecipação científica que nos oferece um espectáculo imaginário do Mundo no ano 2000

H. G. Wells é um autor a quem o cinema deve já uma notável colaboração e de quem muito mais há ainda a esperar.

As suas fantasias grandiosas têm na arte das imagens a única tradução condigna. E o escritor assim o compreendeu porque a sua primitiva falta de confiança no cinema cedeu o lugar a um interêsse profundo que vai ao ponto de tomar parte activa na realização dos filmes extraídos dos seus livros.

A obra de Wells é incompletamente conhecida entre nós. Ou melhor, só é bem conhecida uma faceta do seu curiosíssimo talento: as antecipações científicas. É-se levado por êsse facto a considerá-lo uma espécie de Júlio Verne actualizado, quando a sua personalidade oferece, sôbre outros aspectos, perspectivas mais profundas e variadas.

Foram na realidade as antecipações científicas que popularizaram o escritor. Algumas das suas produções nêsse género tornaram-se célebres e andam nas mãos de tôda a gente: "O Homem Invisível", "A guerra dos mundos", "A máquina de explorar o tempo", "Os Primeiros Homens na Lua", etc. O cinema contribuiu para a difusão de duas dessas obras: O "Homem Invisível" e "A Ilha das Almas Selvagens". Pode dizer-se que êste género de romances de empolgante imaginação o consagrou aos olhos do grande público, mas não se resume nêle a sua fecunda actividade. Fora dêste aspecto de criador exuberante de fantasias há que considerar Wells sob os pontos de vista do escritor social e do historiador. Só no conjunto destas modalidades se justifica a qualificação de "génio anglo-saxónio da nossa época", que os ingleses, sempre tão sóbrios no elogio lhe atribuem.

Como escritor social, a obra de Wells é variada e cheia de interesse. Observador penetrante, o célebre autor consagrou-se, em especial, à descrição de classes médias britânicas, de que nos dá uma imagem viva e realista em algumas das suas obras.

Pertence a êste género, o romance "Casamento" história dum sábio que casa por amor com uma rapariga da classe burguesa. Toda a tragédia da luta entre a paixão e as preocupações materiais, entre o sentimento e as necessidades económicas é aí minuciosamente analisada.

"Mistir Polly" é outro dos seus romances célebres. Wells apresenta-nos aí o homem mediano, vítima paciente da miséria doméstica, sem aspirações nem alegrias, que descobre subitamente o que a sua vida tem de absurdo e inútil.

Em "Kipps" esta faceta do talento do escritor atinge a sua mais elevada expressão. "Kipps" é a história dum pobre empregado mal, alimentado, mal instruido, mal desenvolvido física e moralmente, que um dia se acha de posse duma grande fortuna. A veia satírica do escritor exerce-se sôbre êsse contraste entre a miséria patética e a opulência ridícula. Crê-se, de resto, que para o caracter humano desta obra muito contribui a circunstância de ela ser, de certo modo, uma autobiografia. Wells conheceu de perto, na verdade, o ambiente que nos descreve nessas pàginas magistrais. Aos quinze anos as necessidades económicas obrigaram-no a empregar-se como caixeiro. A sua adolescência foi cheia de privações.

À fôrça de energia e trabalho dominou o seu destino obscuro. Mas a recordação dos anos dolorosos ficou sempre bem viva no seu espírito. Daí a piedade dissimulada na sua obra, a ironia melancólica das suas observações.

Com a publicação da "História do Mundo" revela-se o terceiro aspecto da personalidade de Wells. Nunca uma obra conheceu tão grande êxito nos países da língua inglêsa. A cifra das suas tiragens classifica-se logo após as da Bíblia. O psicologo e o imaginativo Wells chegara à conclusão de que uma das causas dos males da nossa época é o desconhecimento do passado. E com um espírito de síntese genial traçou nessa obra formidável as linhas gerais da evolução da Humanidade.

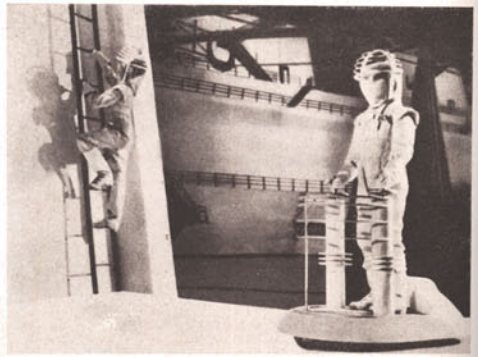
A última grande obra de Wells é, simultaneamente, um romance, um manual de política e um livro científico. É a história dum século, de 1913 a 2016, contada sob a forma dum sonho dum funcionário permanente da Sociedade das Nações.

■

Compreende-se bem o partido que o cinema podia tirar duma obra tão variada, sobretudo no seu aspecto de ficção científica. O êxito dos filmes nela baseados provou, de resto, êsse facto.

É sobretudo em "O Homem Invisível" que os recursos da cinematografia melhor se conjugam com o caracter fantástico da obra. As possibilidades quasi infinitas da câmara de filmar, permitem materializar as criações irreais da imaginação do escritor. Nêsse filme de técnica notável, a presença efectiva do Homem Invisível acaba por atingir um insuperável poder de sugestão.

Wells aumentou agora a colaboração prestada ao cinema com uma obra notável que aguça a nossa curiosidade. Trata-se dum filme baseado no seu famoso livro "The Shape of Things to Come" (A forma das cousas futuras). É a história fantástica dum período que vai de 1940 a 2054, e em que a imaginação prodigiosa do autor se manifesta em tôda a sua pujança. A acção da primeira fase do filme é tecida em volta do aviador John Cabal. Sobrevem uma guerra mundial em que a destruição atinge o paroxismo. As grandes cidades são bombardeadas e reduzidas a montões de destroços. Os horrores dessa guerra são reproduzidos no filme com intenso realismo. John Cabal é dos raros que saem incólumes da pavorosa carnificina e da epidemia que se lhe segue. Torna-se o chefe dos aviadores. E após várias fases chega-se ao ano 2054, em que Oswald Cabal, um seu descendente, é escolhido pelos habitantes do futuro para chefiar uma expedição à Lua. As duas incarnações do Cabal são interpretadas por Raymond Massey. Do elenco fazem parte, entre muitos outros, os artistas Ralph Richardson, Edward Chapman, Margaretta Scott e Allan Jeayes. A realização é de William Cameron Menziés. H. G. Wells não se limitou, nêste filme, a extrair o argumento do seu livro e escrever o diálogo. Tomou uma parte importante na filmagem, como conselheiro do realizador e crê-se que a sua contribuição foi particularmente valiosa no que diz respeito à escolha do cenário do mundo futuro.



Em cima: *Um estabelecimento nos começos do século XXI. À esquerda: Horrores dum bombardeamento aéreo*

O grande romancista inglês H. G. Wells

Máquinas gigantéscas escavando as rochas lunares, no ano 2000

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 45

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

APURAMENTOS

N.º 36

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

VIDALEGRE
N.º 15

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

STOP
N.º 14

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 3, Valério; n.º 18, Micles de Tricles.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 17 pontos:

Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Fan, Magnate, Kábula, Ti-Beado.

QUADRO DE MÉRITO

Salustiano, 16. — Rei-Luso, 16. — Só Na-Fer, 16. — Só Lemos, 16. — Sonhador, 16. — João Tavares Pereira, 14. — Lamas & Silva, 14. — Salustiano, 12.

OUTROS DECIFRADORES

D. Dina, 10. — Lisbon Syl, 8. — Aldeão, 8

DECIFRAÇÕES

1 — Bata-talha-batalha. 2 — Portaria. 3 — Unhado. 4 — Alogia. 5 — Gratuito-grato. 6 — Montante-monte. 7 — Carlota-carta. 8 — Mandado-mando. 9 — Melhora-mera. 10 — Gostoso. 11 — Benado. 12 — Lufa-fada-lufada. 13 — Logrador. 14 — *Contrapêso*. 15 — *Ela*. 16 — Pançudo-pando. 17 — Loiraça-loiça. 18 — Braz bém o diz e mal o faz.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) Diz o Nicolau: — Se houver a 7.ª «*volta*» a Portugal, eu parto mas «*não*» *regresso* (2-2) 3.
Lisboa — *Dama Negra*

2) O *senhor* vai *habitar* num sítio onde se pode *esconder* de toda gente. (2-2) 3.
Lisboa — *Lord X*

3) Hoje *fiz doação de* um *gato do Paraguai* a uma *pastora*. (2-2) 3.
Luanda — *Ti-Beado*

NOVÍSSIMAS

4) No *tempo de recreio dos frades* uma *grande quantidade* deles passam-no a ler o seu *livro predilecto*. — 3-2.
Leiria — *Magnate*

5) Um homem *esforçado* na luta pela vida tem sempre valor, é sempre «*um*» *nobre*. — 4-1.
Lisboa — *Micles de Tricles*

6) Em *casa* de um judeu, tomem «*nota*», ninguém come *toucinho*. — 1-1.
Luanda — *Ti-Beado*

7) Greta «*Garbo*» tem sido *até* hoje a melhor estrêla de cinema... se não me «*engano*». — 1-1.
Lisboa — *Veiga*

SINCOPADAS

8) Todo o *feiticeiro* merece *castigo*. — 3-2.
Leiria — *Kábula*

9) Um *anão* não passa dum *pedaço* de homem. — 3-2.
Lisboa — *Lérias (T. E.)*

10) O *canto* do *chefe dos aguadeiros* é um bom concerto. — 3-2.
Luanda — *Ti-Beado*

11) A *falta* de dinheiro pouco me «*rala*»; o principal é ter saúde. — 3-2.
Lisboa — *Veiga*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

12) Vim duas vezes p'ra aqui a reboque
Para me livrar dum grande *remoque*.
Leiria — *Magnate*

NOVÍSSIMAS

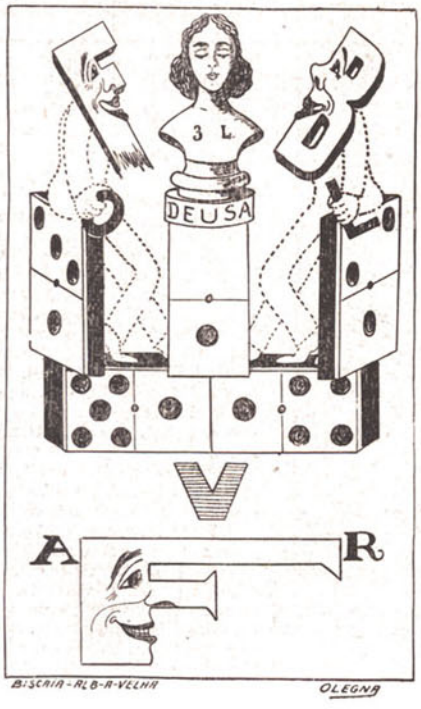
«... na Câmara Municipal projecto idêntico foi apresentado pelo vereador Trota, sòzinho, (textual). Tudo indica que a língua falada no Brasil adquira agora a sua «carta de alforria».

(*Diário de Notícias*, do Rio, citado pelo prof. Agostinho de Campos).

13) Todo curvo e reverente
Agradeço ao dirigente
Desta bela diversão
Por me deixar pertencer
— *A verdade*, é bom dizer — 2
A' douta corporação.
Eu já disse á minha Emília,
Que faz parte da *família*: — 2
— Em honra do grande mestre,
O talentoso «Rei-Fera»,
Hei-de, nesta primavera,
Dar um *bailado campestre*.
Leiria — *Magnate*

TRABALHOS DESENHADOS

22) PITORESCO



14) Disse dar-lhe a minha vida
Em *troca* dum seu sorriso! — 3
E ela sorriu... mas, sorrindo,
Mandou-me ter mais juízo!

Foi grande a *pena*, a tristeza — 1
Que êsse sorriso me deu...
— O coração deitou luto:
— Morrera o sorriso meu!

Ficou-me a alma obumbrada,
Faltou-lhe a luz da alegria...
— Levou-ma um falso sorriso,
Havia-a *trocado* um dia...
Silva Pôrto-Bié — *Efonsa*

15) Deputados... futuristas,
Com «falhas na mioleira»,
Decretam... p'ra dar nas vistas,
Que se chame brasileira

A língua que lhe ensinámos!
Que o luso idioma é seu!!
(Amimámos... estragámos...)
Foi *legado*? Alguém lho deu?! — 2

Lei sem base... pode ser
Que o Parlamento lha aceite,
Mas o povo? Êsse é de crer
Que os censure e lha *rejeite*. — 2
.....

Vem após Trota, «sòzinho»,
Pedir, de bom senso, à míngua,
(E o que pede o tal mocinho?)
Novo Ypiranga... p'rá língua!

Pede a «carta de alforria»...
E' ter osga a Portugal...
Nobre País, sem o qual
«Seu» *moço* (*) ainda hoje andaria
Aos pinchos no seringal.
Lisboa — *Braz Cadunha*

16) O coração da mulher,
Sempre em «*estado*» inconstante, — 2
Nasceu apenas p'ra ser — 1
Um demónio *extravagante*.
Elvas — *Gigantezinho*

(Ao dignissimo director, com o devido respeito).

17) *Nesta terra* — 1
Há um «*homem*» — 2
Sempre *quente*
E na berra.
Luanda — *Ti-Beado*

18) Eis que lá *solta a voz com harmonia* — 2
Minha visinha, «*mulher*» linda, bela, — 2
Num doce canto que entra p'la janela
Do quarto de onde antigamente a via.

Quem dera vê-la ainda à gelosia,
Com o seu ar tão puro de donzela,
Envolta num vestido de flanela,
Que era p'ra mim sim da maior valia!...

Ai quem me dera vê-la ainda a olhar
Para a janela onde me via estar!
Ai sim, quanto êsse tempo era melhor

Do que êste em que eu a oiço ser *cantora*;
Agora oiço-lhe só a voz sonora,
Paciência, podia ser pior...
Lisboa — *Zé das Hostias*

SINCOPADAS

19) Foi *fraca* a tua vingança,
Que tanta mágoa me deu.
Hás-de ter, porém, descansa,
Um *castigo* igual ao meu. — 3-2.
Lisboa — *Dama Negra*

20) Fui presa duma *ficção*
Que conturbado me pôs...
Ouvira um timbre de *voz*
Dentro do meu coração! — 3-2.
Silva Pôrto-Bié — *Efonsa*

21) Esta coisa não entendo,
Mas gostava de saber
Se aquele que *cospe muito*
Sente nisso algum *prazer*. — 3-2.
Caldas da Rainha — *Rei Pavor*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a Luiz Ferreira Baptista, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, r.º — Lisboa.

(*) de recados.

A moda do "cocktail"

DECIDIDAMENTE o "cocktail" instalou-se como uma necessidade na vida moderna. É muito elegante hoje em dia em vez dum chá, oferecer uma "cocktail party".

E como é chic e é elegante, vemos a mulher lançar-se com entusiasmo a beber "cocktail" a manejar com graça e elegância o "shaker" e a encher com vivacidade os copos, do que hoje é considerado como indispensável aperitivo pelos ultra civilizados.

Nas casas particulares as mulheres que aspiram à elegância, a dar o tom, têm todas o seu "bar" instalado na sala de espera, ou mesmo na sala de jantar. Essa bebida estranha, veio da América, para onde foi importada pelos marinheiros habituados a embriagarem-se nos portos exóticos do Oriente. Bebida que nos vem dêsses antros de vício, que são os grandes entrepostos de Xangai, de Singapura, de Saigão, onde se misturam e chocalham as mais violentas e ardentes bebidas para excitação da marinhagem do mundo, tomou foros de "chic".

E hoje é adoptada pelas mais delicadas mulhes, que corariam talvez se soubessem de que antros surgiu a bebida que as seduz, não porque a apreciam em si, mas sim porque é elegante bebê-la.

Antigamente beber era um vício que, se por acaso se apoderava duma mulher, ela escondia-o como uma vergonha. Hoje é uma glória para a mulher o beber como um marujo que desembarca num pôrto, louco de se ver em terra e desejoso de fazer o maior número de disparates possível.

Como estamos longe da distinção sóbria e senhorial das nossas avós e das nossas mãis, que como bebida elegante tinham o seu chá.

Como era distinto um chá com a sua mêsa encoberta de rendas o seu serviço de prata, as suas chávenas de Saxe ou ou Sevres, os bolos feitos por mãos de aneis, numa rivalidade entre donas de casa, que guardavam segredo das suas receitas, ou entre si as trocavam amigavelmente.

A conversa, ao beber o delicioso chá cujo aroma se espalhava no ambiente, tornava-se mais íntima e encantadora. Era a época em que homens e mulheres se preocupavam com assuntos da psicologia, discutiam os livros de Bourget e nessas conversas onde havia talvez um pouco de felicidade, existia sempre uma certa delicadeza.

O "flirt" de então escondia, sob as suas aparências de idealismo a materialidade que nele existisse.

O chá essa bebida delicada, acompanhada de dôces prestava-se a êsses devaneios,

No "cocktail" nada disso é permitido.

E eu acho naturalíssimo, que os homens não tenham atenções com as senhoras, que afinal são as suas companheiras na bebida e no fumo. Uma "cocktail party" sôbre a mêsa colocada uma bandeja com o "shaker" e os copos, ao longe alinhados os frascos de licôres e bebidas fortes, que servem para a sua confecção, as taças de cristal com êsses biscoitos salgados que excitam o desejo de beber.

Em volta homens e mulheres intoxicando o organismo com essa mistura de alcool, trincando coisas que lhes fazem mais sêde; de que hão-de conversar? naturalmente de tudo sem o mais pequeno rebuço, sem a mais pequena delicadeza. As mulheres que acamaradam bebendo e fumando, não podem exigir um recato extraordinário dos homens que o alcool excita e a quem muitas vezes tolda o cérebro.

A maioria está talvez ainda mais toldada e ouvem-se as maiores inconvêniencias nas bôcas femininas.

Minhas senhoras; a elegância do "cocktail" é a pior inimiga da nossa beleza, da nossa juventude e da nossa feminilidade.

O próprio "flirt" essa graciosa esgrima que permitia, no tempo em que se tomava chá, aos homens e à mulher mostrar o seu espírito, em que com delicadeza se tocava muito ao de leve nesse assunto que sempre interessa a gente nova: o amor, modificou-se.

É brutalmente que o "flirt" se desenrola, não há subtilezas, não há o desejo de agradar mostrando espírito, o homem diz à mulher que lhe agrada, como pode dizer que gosta dum automóvel.

Sem gentileza, sem rodeios. O "cocktail" sobe à cabeça, o álcool enlouquece e verdadeiramente não há facilidade de ser gentil, amável e correcto numa atmosfera de álcool e tabaco.

É culpa do homem esta reviravolta de costumes! Talvez, mas é sobretudo culpa da mulher que não sabe manter a elegância e a dignidade da sua feminilidade.

A mulher diz que faz esta vida na sociedade moderna, para poder ser a companheira do homem. Fuma com êle, bebe com êle para que êle não vá beber nem fumar só, enquanto ela o espera em casa, ou se aborrece entre as suas amigas.

Mas o papel da mulher não deve ser êsse. Ela deve elevar até si o homem e não abaixar-se até aos seus vícios.

A mulher não é só esposa, é também mãe, e não deve esquecer que para seus filhos é um triste espectáculo ver chegar os seus pais, ambos alcoolizados e impregnados de fumo. É bem péssimo exemplo e se êles mais tarde o seguirem não têm o direito de lhes dirigir a mínima censura.

O "cocktail" pode ser uma elegância, mas é uma elegancia suspeita como tantas outras da nossa época.

É para desejar que a mulher volte ao seu tranqüilo chá, à sua graciosa feminilidade e que deixe ao homem êsse desagradável vício do álcool.

Maria de Eça.

PÁGINAS FEMININAS

Qual é a mulher que se não interessa por crianças? Eu creio que nenhuma mulher equilibrada, com uma alma e um coração bem formados se não interessa por crianças.

A criança é o encanto de todos, quando passa na rua uma criança bela, bem vestida, os olhos de tôdas as mulheres seguem-na com um olhar de ternura, todos os lábios femininos têm um sorriso maternal para a criancinha delicada que passa, embelezando o ambiente, com a sua graça e o seu encanto.

Mas também se é uma desgraçada criancinha, que esfarrapada tirita de frio e de fome, tôdas as mulheres param, dão-lhe esmola e seguem com o olhar cheio de tristeza o desgraçadinho, que numa idade em que tudo lhe devia sorrir, vê a sua vida rodeada de negrume e sente que só a fôme e a miséria o esperam, nêste triste vale de lagrimas.

Não há coração nenhum de mulher que se não confranja perante a desgraça das crianças, e no entanto as crianças infelizes são legião, e, todos os dias nascem crianças que não têm, nem um simples trapinho para se cobrirem.

A piedade é um dos mais belos sentimentos humanos e tôdas as mulheres a albergam no seu coração, mas a piedade voga, sem continuidade, nem finalidade, é inútil!

Nêste mundo utilitário o que é necessário é aproveitar êsses belos sentimentos e fazer com que êles tenham resultados práticos, para aqueles a quem a piedade é dirigida.

Na Maternidade de Lisboa nascem centenas e centenas de crianças, que quando saem do hospital, e, deixam a roupa que a êste pertence, não têm um trapinho com que se cubram, não têm absolutamente nada e chegam a sair embrulhadas em papéis de jornais. Que horror não é o pensar que essas pobres criancinhas, que encontraram no hospital o morno ambiente de uma casa aquecida, roupinha para vestirem um fôfo berço, se encontram dum momento para o outro atiradas para a rua, sem terem nem sequer um trapo de lã, que as aqueça.

Aproxima-se o inverno e mais dolorosa é a miséria, que o frio torna insuportável.

Mas há em Lisboa uma obra admirável, «O enxoval do recem-nascido». Essa obra que é dirigida pela senhora D. Maria Tereza Costa Sacadura, trata de angariar e confeccionar enxovaisinhos, para as criancinhas pobres que ao sairem do hospital nada têm que as cubra.

Essa linda obra deve ser auxiliada por tôdas as senhoras, e é tão fácil fazê-lo.

Aproximam-se os longos serões de inverno, que podem ser bem aproveitados dedicando-os aos desgraçadinhos, que nascem sem ter nada.

Com restos de roupa que já não serve, podem fazer-se camisinhas, chambres, babetes e cueiros, touquinhas e fachas, com os restos de lãs fazem-se ao «crochet» ou ao «tricot» os casaquinhos de malha que abrigam os pequeninos livrando-os da tortura do frio. Mas as senhoras que dirigem esta obra tão meritória não pedem enxovais completos, quem não esteja para fazer o enxoval completo, pode fazer casaquinhos, ou quaesquer outras peças de roupa, que são depois juntas a outras peças, formando assim o enxoval, que tão indispensável se torna às criancinhas.

Quem quizer enviar qualquer donativo pode fazê-lo para a Maternidade de Lisboa, a Maternidade Alfredo da Costa. E' aí a sede desta linda obra. E que bem empregados serão os vossos serões nessa linda obra!

Saídos das vossas lindas mãos êsses casaquinhos, que cubrirão os tenros corpinhos dos pequeninos atrairão as bençãos de Deus.

Já mais duma vez tenho apelado para os sentimentos generosos das minhas leitoras e sempre com tanto sucesso, que estou certa elas me desculparão o voltar de novo ao assunto, e, enviarão os enxovaisinhos que tanta falta fazem às pobres criancinhas.

E não há trabalho mais belo para as mãos duma mulher, do que aquêle que vai livrar do frio e quem sabe se até da morte, o tenro corpinho duma criança pobre.

Maria de Eça.

A Moda

A moda de inverno começa a adivinhar-se na moda do outono.

Os «tweeds» continuarão a ser usados nos vestidos «tailleurs» e também nesses vestidos simples, que se usam de manhã e que tão graciosos são.

Damos hoje um lindo modêlo de vestido «tailleur» para esta época do ano em «tweed matita» numa combinação admirável de seis lindas côres.

O casaco a três quartos, — que continua a usar-se imenso, e a ser mesmo um favorito, o que não admira, porque é mais leve que o casaco comprido e abafa bastante, — é cortado em linhas vagas, com as mangas largas e entrando no ombro em «raglan». Abotôa no pescoço com dois botões em «tweed» rodeados de metal. A sáia tem na frente uma prega para dentro. A blusa é em «jersey» côr de tijolo com mangas compridas, na gola tem pregada uma «écharpe» que se pode tirar nos dias mais quentes. Cinto em camurça e chapeu em feltro côr de tijolo.

E' uma «toilette» elegantíssima e da maior simplicidade.

Com a aproximação do inverno e a época das festas a mulher mais do que nunca se preocupa com a elegância do seu penteado, que tem de ser chic e á última moda, atendendo também a que deve favorecer o rosto a que é destinado. Damos hoje um modelo dum dos melhores cabeleireiros de Londres.

Este penteado é destinado ás senhoras que têm o rosto um pouco redondo, pois tende a afina-lo.

Na testa um grupo de caracoes, que é o que mais se usa agora. Aos lados puxado, tendo apenas umas ondas largas. Atrás é o cabelo enrolado em tres rolos que deixam livre a nuca dando ao pescoço mais graça e leveza. E assim temos a maior novidade e ao mesmo tempo um gracioso penteado que afina o rosto tornando-o mais delicado.

Mas não é só em cabelo que a mulher se preocupa com a sua cabeça é também o chapeu uma das suas preocupações e bem justa.

Uma senhora com um bonito chapeu e bem calçada, ainda que o seu vestido não tenha o corte da última moda, está sempre elegante e «chic».

Mas o chapeu é preciso saber escolhe-lo e usa-lo com garbo e elegância. Para «toilette» simples damos um gracioso modelo em veludo castanho, que tem muita novidade.

A aba é toda levantada atrás descaindo na frente sobre os olhos. Como guarnição tem um laço em penas castanhas com pintas brancas dum efeito muito novo e encantador.

Para o teatro voltam a usar-se os chapeus guarnecidos, que são dum belo efeito e dão todo o aspecto de elegância á mulher.

Damos hoje dois lindos modelos que fôram muito admirados na elegante reabertura da «Comédie Française» em Paris.

Um deles é uma boina chata em veludo azul escuro guarnecido, com uma pluma em azul Mediterrâneo E' elegantíssimo e duma simplicidade graciosa.

O outro é um chapeu de aba, em veludo preto, guarnecido com plumas brancas. E' usado com um lindo vestido em veludo preto cuja única guarnição é feita por um «clip» e uma fivela em «strass». São toiletes elegantíssimas e que realçam a beleza da mulher aumentando a do espectáculo a que se assiste.

Receitas de cozinha

Cabrito à Alsaciana: — Cortam-se aos bocados não muito grandes, 750 gramas de cabrito, lombo ou perna; colocam-se numa caçarola mais

alta do que larga, para que os bocados fiquem bem empilhados; cobrem-se de água fria, cêrca dum litro, juntam-se-lhe 10 gramas de sal. Logo que ferva deita-se-lhe 30 gramas de cenoura, uma cebola picada, um cravo da India e um ramo de cheiros.

Deixa-se cozer tudo lentamente, durante 40 minutos. Ora com água, ora com caldo acrescenta-se o fricassé; deita-se lhe uma pitada de sal e tanto como um ovo de pomba, de manteiga; cozem-se também 12 cebolinhas, preparam-se 200 gramas de massa, para fazer «nouilles» que se devem cozer com água temperada com sal (8 ou 9 minutos) ligando-se com manteiga à última hora. Misturam-se numa caçarola, 40 gramas de manteiga com 40 gramas de farinha, mexe-se esta mistura sôbre um lume brando, até tomar uma côr alourada. Retiram-se para uma travessa os bocados de cabrito e cebolas; deita-se-lhes 8 decilitros de agua, para dissolver o refogado, tempera-se com pimenta, noz moscada e sal (se for preciso).

Logo que ferve mexe-se, dentro dêsse môlho deitam-se os bocados do cabritos e cebolas, ferve tudo meia hora. No final junta-se duas gemas de ovos dissolvidas em leite. Servem-se as «nouilles» como acompanhamento.

Higiene e beleza

Um cabelo bonito é o sonho de toda a mulher, mas para o possuir é necessário tratá-lo. Uma das coisas que as inglesas que têm lindos cabelos fazem, é escovar o cabelo de manhã e á noite, o que o torna bonito e sedoso.

Deve lavar-se o cabelo pelo menos uma vez por mês. Se o cabelo é muito seco devem usar-se preparados de petróleo, que o embelezam e fortificam, se o cabelo é oleoso, preparados com alcool, que lhe tirem o excesso de gordura.

Mas para uma cabeça ser bonita não basta que o cabelo o seja, é preciso sabe-lo dispôr de forma a brilhar e segundo a forma do rosto.

Para quem tem o rosto redondo não é aconselhavel o penteado de rolo sobre o pescoço, nem caracoes muito abaixo Deve deixar-se livre a nuca e encaracolar o cabelo á altura das orelhas, o mais baixo.

E' sem dúvida a maneira de fazer parecer mais comprido e fino o rosto. Estas pequenas coisas têm uma grande influência na beleza da mulher.

Magra ou gorda?

Da conclusão dos estudos de dois célebres fisiologistas alemãis, professores Gruthall e Grafe, é possível determinar, desde a nascença, se uma pessoa é destinada a ser magra ou ser gorda. Dizem êles que um núcleo muito pequenino, na base do cérebro, vigia para cada indivíduo, o metabolismo basal, que constitue a capacidade própria do indivíduo em dispender a sua energia.

Uma pessoa magra e nervosa consome enorme quantidade de energia, queima, por assim dizer, a sua nutrição, com grande rapidez, enquanto que uma pessoa gorda, pode aumentá-la sob a forma de gordura.

Os dois sábios informam, de que essa pequenissima célula não pode ser vigiada, e daí, a dificuldade de exercer a fôrça de vontade para emagrecer e nalgumas pessoas a impossibilidade de engordar, embora usem a super-alimentação, o repouso e os medicamentos.

Segundo os dois professores nasce-se para ser gorda ou magra.

E as magras que engordam?

De mulher para mulher

Lírio Branco: — Acho que faz muito bem em fazer o curso de enfermeira, tôda a mulher devia ter êsse curso, para saber como tratar os doentes em sua casa. Há paises onde é obrigatório.

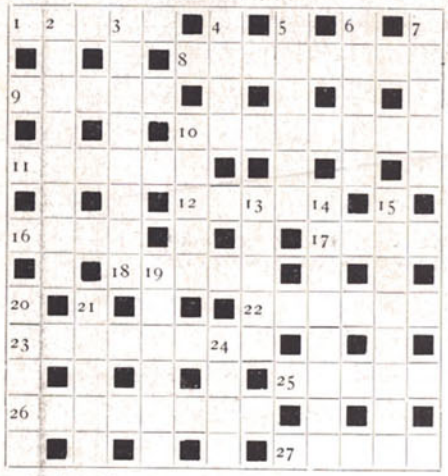
Vai usar-se muito o veludo e plumas, mas só para grande «toilette».

Aida: — Acho que estando nessa disposição de se não incomodar se deve dirigir a uma casa da especialidade. No entanto aconselho-a a que escolha os seus móveis e tapetes, porque nada há de mais desolador do que uma casa posta pelo estofador, sem a nota pessoal da dona da casa. Claro que deve vestir-se para seu marido com mais cuidado do que para qualquer visita.

Violeta: — Em geral só se começa a receber depois dos meados de Novembro, para as amigas íntimas não há essa especialidade, recebem-se sempre, e cumpre não confundir um chá íntimo com uma recepção. Só para estas há praxes, para os outros chás nada há de marcado. Receba as suas amigas sempre que lhe apetecer e não deixa de ser elegante.

Palavras cruzadas

(Passatempo)



Horisontais:

1. Rei da Pérsia. — 8. Planta crucífera. — 9. Peixe acantopterígio. — 10. Pedra preciosa da côr da prata. — 11. Tocar. — 12. Ilha da Grécia. — 16. Nome, inv. de um imperador romano. — 17. Lavrar. — 18. Distrito de Portugal. — 22. Mariola. — 23. Rapaz, um tanto espigado. — 25. Arvore leguminosa. — 26. Advérbio. — 27. Vegetação criptogâmica.

Verticais:

2. Planta herbácea. — 3. Homem divinizado. — 4. Advérbio. — 5. Papel de linho. — 6. Candieiro volante. — 7. Moeda. — 10. Escarpado. — 13. Atilho. — 14. Antiga medida de cinco celamins. — 15. Constelação zodiacal. — 19. Voltar. — 20. Que tem sabor ácido. — 21. Refeição que os primeiros cristãos faziam em comum. — 24. Pancadaria.

Xadrez

(Solução)

1 P — 4 D — R × P — **2** D 6 P + Mate.

Se C D joga; 2 D 6 R + M.

E se C R joga; 2 D ou T faz mate.

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — 8, 4, 3.
Copas — 8, 4.
Ouros — — — —.
Paus — V. 8.

Espadas — 6, 5.	N	Espadas — 10, 9, 2.
Copas — 6, 5.	O E	Copas — 7.
Ouros — 8.		Ouros — — — —.
Paus — 6, 5.	S	Paus — 9, 7, 4.

Espadas — — — —.
Copas — 3.
Ouros — 10, 7, 3, 2.
Paus — 3, 2.

Trunfo é ouros. *N* joga e faz tôdas as vasas.

(Solução do número anterior)

S joga o Rei de ouros e *N* balda-se a paus.

S joga o 6 de ouros, *N* corta com o Valete de copas, *E* balda-se a paus. *N* joga paus, *S* corta com o 10 de copas e joga o Rei de espadas e em seguida o 5 de espadas que *N* corta com o 7 de copas.

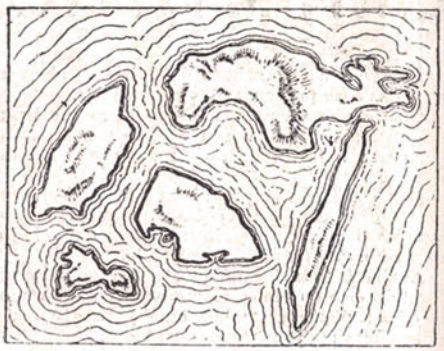
N joga o Az de copas e o 8 de paus.

Se, na segunda vasa, *E* se balda a espadas, *N* joga o 4 de espadas e *S* faz o Rei e joga o 5 de espadas que *N* corta com o Az de copas, jogando a seguir o 7 de copas.

S toma a mão com o 10 de copas e faz a Dama de ouros e o 6 de espadas.

O arquipélago europeu

(Problema geográfico)



Este arquipélago não é nenhum grupo de ilhas que existe na realidade e, portanto, escusado é procurá-lo nos mapas. Trata-se de um arquipélago formado a capricho, por meio da aproximação de um certo número de ilhas europeias, tomadas ao acaso, devendo ter-se presente que se lhes conservou a sua verdadeira posição com respeito aos pontos cardiais; mas que se não atendeu em nada às relativas proporções das suas grandezas. Vejam se descobrem, agora, os leitores quais são as ilhas com que está formado êste fantástico arquipélago.

Os oito "oitos"

(Solução)

A forma de dispor oito algarismos 8, de modo a somarem 1.000 é a seguinte:

888
88
8
8
8
1.000

Excentricidade de um músico

É extraído do jornal musical de Stuttgart, o seguinte episódio da vida de Liszt, o célebre pianista:

«Abafado no seu *robe de chambre* e de chinelas, o compositor estava, uma bela noite comodamente recostado na sua poltrona, pronto a trabalhar e a colher os rasgos da inspiração. No andar superior, moradia de um banqueiro, dava-se uma brilhante *soirée* musical. As teclas do piano — barbaramente tratadas, — pareciam sofrer tantas torturas como o desditoso vizinho de baixo.

Sucediam-se as valsas aos nocturnos, as *polonaises* ás mazurkas, quando de repente se abriu a porta da sala, e quem havia de aparecer? Liszt, o próprio Liszt, sempre embrulhado no seu enorme roupão e de chinelas calçadas.

Imagina se facilmente o espanto que se apoderou da brilhante assembleia ante esta tão súbita quanto estranha aparição; mas ao venerando mestre tudo se perdoava, mesmo aquela excêntrica apresentação, e portanto os assistentes espiavam com a maior curiosidade todos os movimentos do célebre pianista.

Vagarosamente, Liszt dirigiu-se para o piano, donde se sumiu, como que por encanto, um esperançoso mancebo, e, sentando-se diante do instrumento, percorreu ligeiramente os dedos pelo teclado, como quem se preparava para fazer ouvir algum trecho; mas de repente fechou o piano e meteu a chave na algibeira. Levantou-se tranquilamente, tão tranquilo como entrára, e saiu a passos lentos, dirigindo-se para sua casa, onde pôde trabalhar á vontade».

Prática comercial

O gerente de um escritório de comissões e consignações: — E o senhor tem bastante prática de negócios, desta questão de vendas?

O pretendente ao lugar: — Se tenho! Já vendi a minha casa, o carro, o piano, a telefonia e a maior parte das joias de minha mulher.

(Do *Windsor*)

SAGRES

Aspecto do edificio na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES: 2 4171 – 2 4172 – P. X. B.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000$00

Seguros de vida em todas as modalidades

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
—— A GARANTIA NA VELHICE ——

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

Banhos de agua fermal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc. — — — — —

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultravioletas, DIATERMIA e Maçagens. — — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

A sua pele tornou-se clara durante o sono

Uma Nova Cera Extraída das Flores Suprime As Imperfeições da Pele e Produz Uma Beleza Fresca e Nova Numa Unica Noite

Fabricando-se perfumes descobriu-se que uma pura cera virgem extraída da corola das flores possui a maravilhosa faculdade de embranquecer a pele. Com esta delicada substância dum branco níveo, chamada Cire Aseptine, tôda a mulher pode hoje tornar ràpidamente clara a pele dando-lhe diferentes tons. Tudo o que parecia grosseiro, escuro e sêco desaparece, os pontos negros são dissolvidos e as imperfeições do rosto apagam-se. A pele adquire um aspecto claro, macio, juvenil, lilial, e isto duma maneira impossível de obter de modo diverso.

Aplicada à noite, antes do deitar, a Cire Aseptine penetra suavemente na pele, que amolece, destacando, em pequenas partículas, durante o sono, a camada exterior endurecida. Quando lavar o rosto, de manhã, estas grosseiras peliculas da pele desaparecem. E' assim que aparece a beleza da pele fresca e nova que elas encobriam. Não deixe de empregar igualmente a Cire Aseptine no rosto e no pescoço — bem como nos ombros, nos braços e nas mãos se o desejar. Doutro modo, a diferença na côr da pele será muito notada.

A' venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à Agência Aseptine — 88, R. Assunção — Lisboa — que atende na volta do correio.

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editôres, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10$00

1 — **Da terra à lua,** viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.

2 — **Á roda da lua,** trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.

3 — **A volta ao mundo em oitenta dias,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:

4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Polo Norte.* 1 vol.

5 — 2.ª parte — *O deserto de gêlo.* 1 vol.

6 — **Cinco semanas em balão,** trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.

7 — **Aventuras de três russos e três ingleses,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

8 — **Viagem ao centro da terra,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:

9 — 1.ª parte — *América do Sul.* 1 vol.

10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional.* 1 vol.

11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico.* 1 vol.

Vinte mil léguas submarinas:

12 — 1.ª parte — *O homem das águas,* trad. de Gaspar Borges de Avelar.

13 — 2.ª parte — *O fundo do mar,* trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.

A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:

14 — 1.ª parte — *Os náufragos do ar.* 1 vol.

15 — 2.ª parte — *O abandonado.* 1 vol.

16 — 3.ª parte — *O segrêdo da ilha.* 1 vol.

Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:

17 — 1.ª parte — *O correio do Czar.* 1 vol.

18 — 2.ª parte — *A invasão.* 1 vol.

O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:

19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860.* 1 vol.

20 — 2.ª parte — *A ilha errante.* 1 vol.

21 — **Uma cidade flutuante,** trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.

22 — **As Índias Negras,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:

23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico.* 1 vol.

24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa.* 1 vol.

25 — **O Doutor Ox,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1. vol.

Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:

26 — 1.ª parte — *A viagem fatal.* 1 vol

27 — 2.ª parte — *Na África.* 1 vol.

28 — **A galera Chancellor,** trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.

29 — **Os quinhentos milhões de Begun,** trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.

30 — **Atribulações de um chinês na China,** trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.

A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:

31 — 1.ª parte — *A chama errante.* 1 vol.

32 — 2.ª parte — *A ressuscitada.* 1 vol.

A jangada, trad. de Pompeu Garrido:

33 — 1.ª parte — *O segrêdo terrível.* 1 vol.

34 — 2.ª parte — *A justificação.* 1 vol.

As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:

35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 1.º vol.

36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 2.º vol.

37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.

38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.

39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.

40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.

41 — **A escola dos Robinsons,** trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.

42 — **O raio verde,** trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.

Kéraban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:

43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari.*

44 — 2.ª parte — *O regresso.* 1 vol.

45 — **A estrêla do sul,** trad. de Almeida de Eça. 1 vol.

46 — **Os piratas do arquipélago,** trad. de João Maria Jales. 1 vol.

Matias Sandorff:

47 — 1.ª parte — *O pombo correio.* 1 vol.

48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux.* 1 vol.

49 — 3.ª parte — *O passado e o presente.* 1 vol.

50 — **O náufrago do «Cynthia»,** trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.

51 — **O bilhete de loteria n.º 9.672,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

52 — **Robur, o Conquistador,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:

53 — 1.ª parte — *O ódio do Texar.* 1 vol.

54 — 2.ª parte — *Justiça.* 1 vol.

55 — **O caminho da França,** trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.

Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:

56 — 1.ª parte — *A escuna perdida.* 1 vol.

57 — 2.ª parte — *A colónia infantil.* 1 vol.

Família sem nome, trad. de Lino de Assunção:

58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor.* 1 vol.

59 — 2.ª parte — *O padre Joan.* 1 vol.

60 — **Fora dos eixos,** trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.

César Cascabel:

61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente,* trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.

62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo,* trad. de Lino de Assunção. 1 vol.

A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:

63 — 1.ª parte — *A' procura dos náufragos.* 1 vol.

64 — 2.ª parte — *Deus dispõe.* 1 vol.

65 — **O castelo dos Carpathos,** trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.

66 — **Em frente da bandeira,** trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.

A ilha do Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:

67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões.* 1 vol.

68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico.* 1 vol.

69 — **Clovis Dardentos,** trad. de Higino de Mendonça. 1 vol.

A esfinge dos gêlos, trad. de Napoleão Toscano:

70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais,* 1 vol.

71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro.* 1 vol.

72 — **A carteira do repórter,** trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.

O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:

73 — 1.ª parte — *O filho do coronel.* 1 vol,

74 — 2.ª parte — *O coronel de Kermor.* 1 vol.

75 — **Um drama na Livónia,** trad. de Fernando Correia. 1 vol.

76 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.

77 — **Os náufragos do Jonathan,** trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.

78 — **A invasão do mar,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

79 — **O farol do cabo do mundo,** trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

UM ROMANCE FORMIDÁVEL!

SEXO FORTE

por **SAMUEL MAIA**

3.ª ed. Êste romance de Samuel Maia, dum vigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da païsagem beirôa dada por largos valores, estuda a figura de um homem, espécie de génio sexual (na expressão feliz do neuriatra Tanzi), de cujo corpo parece exalar-se um fluido que atrai, perturba e endoidece todas as mulheres. Com o **SEXO FORTE** Samuel Maia consquistou um elevado lugar entre os escritores contemporanêos — ***Júlio Dantas.***

1 volume de 288 páginas, broch. . . . . 10$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

ESTÁ À VENDA O

ALMANAQUE BERTRAND

para **1936**

37.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Enconta-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 407 gravuras, cartonado . . . . . **10$00**
Encadernado luxuosamente . . . . . **18$00**
Pelo correio à cobrança mais 2$oo

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado..... 10$00
Eurico, o presbítero, (Romance). — 388 páginas, brochado..... 10$00
O monge de Cister, (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado 20$00
Lendas e Narrativas — 2 vols. com 667 páginas, brochado..... 20$00
História de Portugal (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado..... 96$00
Estudos sôbre o casamento civil — 284 páginas, brochado 10$00
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal — 3 vols., 1.139 páginas, brochado..... 30$00
Composições várias — 374 páginas, brochado..... 10$00
Poesias — 224 páginas, brochado..... 10$00
Cartas (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado..... 20$00
Opúsculos:

Vol. I *Questões públicas* — tomo I, 311 páginas
» II *Questões públicas* — tomo II, 341 páginas
» III *Controvérsias e estudos históricos* — tomo I, 339 páginas
» IV *Questões públicas* — tomo III, 300 páginas
» V *Controvérsias e estudos históricos* — tomo II, 323 páginas
» VI *Controvérsias e estudos históricos* — tomo III, 309 páginas
» VII *Questões públicas* — tomo IV, 294 páginas
» VIII *Questões públicas* — tomo V, 324 páginas
» IX *Literatura* — tomo I, 295 páginas
» X *Questões públicas* — tomo VI, 310 páginas

Cada volume, brochado..... 10$00

Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado..... 12$00

Com encadernação em percalina, mais 5$00 por volume

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Uma interessante edição cinéfila

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR

DE JÚLIO DINIZ

Edição ilustrada com 32 heliogravuras representando cenas com os personagens que figuram no filme extraido da notavel obra do grande escritor e com uma carta prefácio de *Leitão de Barros.*

1 vol. de 332 págs., no formato de 26 × 18,5 esplendidamente impresso em bom papel, com uma lindissima capa, brochado . . . . . **15$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LSIBOA

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

Afonso Lopes Vieira, um volume. — **Alexandre Herculano,** um volume — **Antero de Figueiredo,** um volume. — **Augusto Gil,** um volume. — **Camões lírico,** 1.º, 2.º, 3.º e 4.º volumes. — **Eça de Queirós,** dois volumes. — **Fernão Lopes,** três volumes. — **Frei Luís de Sousa,** um volume. — **Guerra Junqueiro,** verso e prosa, um volume. — **João de Barros,** um volume. — **Lucena,** dois volumes. — **Manuel Bernardes,** dois volumes. — **Paladinos da linguagem,** três volumes. — **Trancoso,** um volume.

Em preparação: **Camões lírico,** 5.º volume.

Cada volume brochado. . . . . . **12$00**
Cada volume encadernado. . . . **17$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND - 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

Obras de AQUILINO RIBEIRO

ANATOLE FRANCE (Estudo) — 79 págs., brochado..... 5$00
ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES — 356 págs. brochado.. 12$00
ESTRADA DE SANTIAGO (Contos: A maldição cubra os pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica.) — 408 págs., brochado..... 12$00
FILHAS DE BABILÓNIA (Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.) — 320 págs., brochado..... 12$00
O HOMEM QUE MATOU O DIABO (Romance) — 353 págs., broch. ..... 12$00
JARDIM DAS TORMENTAS (Prefácio de Malheiro Dias. Contos: A Catedral de Cordova, A inversão sentimental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) — 328 págs. brochado ..... 12$00
TERRAS DO DEMO (Romance) — 332 págs., brochado..... 12$00
VIA SINUOSA (Romance) — 360 págs, brochado ..... 12$00
A BATALHA SEM FIM (Romance) — 308 págs., brochado... 12$00
AS TRES MULHERES DE SANSÃO (Novelas) — 268 págs., brochado ..... 10$00
MARIA BENIGNA (Romance) — 286 págs., brochado..... 12$00
É A GUERRA — Diário da grande conflagração europeia, — 304 págs, brochado .... 12$00
ROMANCE DA RAPOSA, 2.ª edição muito remodelada, com ilustrações de *Benjamin Rabier*, 1 vol de 176 págs., ilustrado com 44 gravuras no texto, 16 estampas a côres em hors-texte e capa a côres..... 15$00
ALEMANHA ENSANGUENTADA, 1 vol. de 312 págs., broc. 12$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE AGOSTINHO DE CAMPOS

Alguns aspectos da literatura portuguesa, por *Aubrey F. G. Bell* (tradução), br. ..... 3$00
Comentário leve da Grande Guerra:
I — *Europa em guerra* (esgotado).
II — *O Homem, lobo do Homem* — 304 págs., br..... 10$00
III — *Portugal em Campanha* — 299 págs., br. 10$00
IV — *Latinos e Germanos* — 319 págs., br..... 10$00
V — *A Carranca da Paz* — 316 págs., br. ..... 10$00
Ensaios sôbre educação:
I — *Educação e Ensino* — 317 págs., br..... 10$00
II — *Casa de Pais, Escola de Filhos* — 248 páginas, br..... 10$00
III — *Educar, na Família, na Escola e na Vida* — 352 págs., br..... 10$00
IV — *A mãe de todos os vícios* — 293 págs., br. 10$00
Homem (O), a ladeira e o calhau — br..... 10$00
Jardim da Europa. — br..... 10$00
Ler e tresler. — br..... 10$00
Lição moral e cívica, dada perante os alunos do Liceu Pedro Nunes, no primeiro aniversário do assassínio do Presidente Sidónio Pais ..... 3$00
O pintor Carlos Reis. — 1 fol. formato grande ..... 4$00
Três prosas (As) — A pobre, a rica e a nova rica. — 64 págs., br. ..... 3$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

INDISPENSAVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra, incontestàvelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sôbre enfermagem,** mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados
sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente
e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência,** ou na sua falta, **como no interior,** e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica,** nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFICIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDAVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, Esc. 35$00

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

Indispensável a tôda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança; **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 – LISBOA